

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

**JOÃO FELIPE DA SILVA BRITO RODRIGUES**

LONDON SKETCHES, CRÔNICAS DO RIO:  
Diálogos entre Charles Dickens e João do Rio

RIO DE JANEIRO

2023



João Felipe da Silva Brito Rodrigues

LONDON SKETCHES, CRÔNICAS DO RIO:  
Diálogos entre Charles Dickens e João do Rio

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado

Rio de Janeiro

2023

Rodrigues, João Felipe da Silva Brito.  
R696c London Sketches, Crônicas do Rio: Diálogos entre Charles Dickens e João do Rio / João Felipe da Silva Brito Rodrigues. – Rio de Janeiro, 2023. 64 f.

Orientador: Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado.  
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português-Inglês, 2023.

1. Literatura comparada. 2. Dickens, Charles (1812-1870). 3. Rio, João do (1881-1921). 4. Crônicas. I. Salgado, Marcus Rogério Tavares Sampaio, orient. II. Título.

Dedicada a

minha mãe, **Analice**, que presenciou tudo.



## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, **Analice**, por tudo,  
a **Dedé**, pelo papel de minha segunda mãe,  
a **Glorinha** e **Adherbal**, pelo apoio desde antes de meu nascimento.

A **Aline**, pelo companheirismo e incentivo,  
bem como a sua mãe, **Regina**, pelo carinho.

A família e amigos, por estarem sempre presentes nos tempos difíceis,  
**Jackie, João Paulo e Marcela**,  
**Otávio**,  
**Gilberto**,  
**Maria José**.

Aos amigos da UFRJ,  
a **Jade Soares**, pelas trocas, pela parceria na monitoria, por ler o início da minha monografia e por sua presença que tornava todas as aulas de literatura mais interessantes,  
a **Ana Maria** e **Gabrielle**, pela amizade e pelas risadas nas aulas e nos corredores,  
a **Marcus Rogério Salgado**, por topar ser meu orientador, pela confiança depositada em mim e por ser um parceiro de trabalho para o qual não me sobram palavras.



“You know that you are recalled to life?”  
– *A Tale of Two Cities* (1859), Charles Dickens



## RESUMO

RODRIGUES, João Felipe da Silva Brito. *London Sketches, Crônicas do Rio: Diálogos entre Charles Dickens e João do Rio*. Monografia (Graduação em Letras: Português-Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho monográfico teve como fito apontar e analisar possíveis diálogos entre a cronística de Charles Dickens e João do Rio. A investigação partiu do interesse de estudar a recepção material do escritor londrino pelo carioca, com base em uma menção direta do primeiro na conferência “A rua” (1905) de do Rio, bem como a presença do livro de crônicas de Dickens na Biblioteca João do Rio. Para a análise, a pesquisa elencou as coletâneas *Sketches by Boz* (1836) e *A Alma Encantadora das Ruas* (1908) para uma comparação dos contextos extratextuais em que ambas foram elaboradas e dos elementos intertextuais em comum e de diferente. O estudo se iniciou com uma reflexão acerca do gênero crônicas e sua concepção nos estudos literários anglófonos, utilizando o arcabouço teórico de Candido (1992) e Lauster (2007). Seguiu-se, assim, para um levantamento das características dos contextos sócio-históricos dos dois autores, apoiando-se no texto biográfico de Rodrigues (2010), bem como nos dois capítulos iniciais de *The Cambridge Companion to Charles Dickens* (2001). Ademais, o estudo se concentrou em um cotejo minucioso entre um par específico de crônicas, “Gin-shops” e “Visões d’Ópio”, similares em sua temática que concerne a contemplação de usuários de substância psicoativas, o gin e o ópio. Como ponto de partida da análise comparatista, o estudo empregou o artigo de Cordery (2003) e a monografia de Sant’ana (2013). O cotejo foi elucidativo para afirmar a existência de pontos de contato relevantes entre os dois autores a partir de evidências textuais microscópicas, das quais podemos mencionar a recorrência de elementos em comum (e.g., a questão da miséria e da sujeira) e até mesmo a aproximação de escolhas lexicais. A pesquisa teve, dessa forma, êxito em apontar evidências textuais que sugerem a leitura de Dickens por João do Rio. Outrossim, também foram indicados distanciamentos que reforçam a originalidade do cronista carioca sem prejuízo da observação de suas influências artísticas. Por fim, o presente trabalho abre caminho para novos cotejos entre os dois cronistas, bem como entre suas crônicas e de outros autores, até mesmo empregando aportes teóricos de outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Charles Dickens; João do Rio; Crônicas.



## ABSTRACT

RODRIGUES, João Felipe da Silva Brito. *London Sketches, Crônicas do Rio: Diálogos entre Charles Dickens e João do Rio*. Monografia (Graduação em Letras: Português-Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The aim of this monograph was to indicate and analyze possible dialogues between the *crônicas* of Charles Dickens and João do Rio. The research began with an interest in studying the material reception of the London writer by the *carioca*, based on a direct mention of the former in do Rio's conference "A rua" (1905), as well as the presence of Dickens' book of sketches in Biblioteca João do Rio. For the analysis, the research chose the collections *Sketches by Boz* (1836) and *A Alma Encantadora das Ruas* (1908) for a comparison of the extratextual contexts in which both were written and the intertextual elements in common and different. The study began with a reflection on the genre of *crônicas* and its conception in Anglophone literary studies, using the theoretical framework of Candido (1992) and Lauster (2007). This was followed by a survey of the characteristics of the socio-historical contexts of the two authors, based on the biographical text by Rodrigues (2010), as well as the first two chapters of *The Cambridge Companion to Charles Dickens* (2001). In addition, the study focused on a detailed comparison between a specific pair of *crônicas*, "Gin-shops" and "Visões d'Ópio", which are similar in their theme of contemplating users of psychoactive substances, gin and opium. As a starting point for the comparative analysis, the study used an article by Cordery (2003) and a monograph by Sant'ana (2013). The comparison was elucidative in affirming the existence of relevant points of contact between the two authors based on microscopic textual evidence, of which we can mention the recurrence of elements in common (e.g. the themes of misery and dirt) and even the similarity in lexical choices. The research thus succeeded in pointing to textual evidence that suggests that João do Rio had read Dickens. It also indicated distinctions that reinforce the originality of the *carioca* writer without detracting from the observation of his artistic influences. Finally, this work opens the way for further comparisons between the two *cronistas*, as well as between their *crônicas* and those of other authors, even using theoretical contributions from other areas of knowledge.

Keywords: Comparative Literature; Charles Dickens; João do Rio; Crônicas.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>CRÔNICA GÊNERO</b> .....	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>CHARLES DICKENS E SUA LONDRES, PAULO BARRETO E SEU RIO</b> ....	<b>25</b>
3.1	CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO .....	25
3.2	PSEUDÔNIMOS – DE BOZ ÀS MÚLTIPLAS MÁSCARAS DE JOÃO DO RIO ..	28
<b>4</b>	<b><i>SKETCHES BY BOZ</i> (1836) E <i>A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS</i> (1908) ....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>“GIN-SHOPS” E “VISÕES D’ÓPIO”</b> .....	<b>37</b>
5.1	PALÁCIOS DE GIN E CASAS DE ÓPIO .....	37
5.2	ANÁLISE COMPARATIVA .....	39
<b>5.2.1</b>	<b>Aberturas e contrastes</b> .....	<b>39</b>
<b>5.2.2</b>	<b>A intoxicação da narrativa / do narrador</b> .....	<b>44</b>
<b>5.2.3</b>	<b>A postura do narrador e outros apontamentos</b> .....	<b>48</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>58</b>
	<b>ANEXO A – Dedicatória na cópia de <i>Sketches by Boz</i> na Biblioteca João do Rio</b>	<b>61</b>
	<b>ANEXO B – Página 3 de <i>Evening Chronicle</i> de 07/02/1835</b> .....	<b>62</b>
	<b>ANEXO C – Página 2 da <i>Gazeta de Notícias</i> de 07/01/1905</b> .....	<b>63</b>
	<b>ANEXO D – Ilustração <i>The Gin-Shop</i> (Cruikshank, 1839)</b> .....	<b>64</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benarês ou em Amsterdão, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria (Rio, 2008, p. 29).

A presente pesquisa tem como objetivo analisar possíveis diálogos entre a cronística do inglês Charles Dickens e do brasileiro João do Rio. Apesar de alguns estudos pretéritos fazerem menção da influência do primeiro para o segundo, nenhum se deteve até o momento em examinar como essa relação teria se construído e como ela pode ser observada por meio de evidências textuais. O estudo em tela tem como fito inaugurar o preenchimento dessa lacuna, a partir de indícios intra e extratextuais da importância do romancista londrino para o cronista carioca. Pretende-se, dessa forma, investigar as aproximações e os contrastes entre os dois autores em sua escrita, a fim de alcançar uma compreensão mais aprofundada de ambos.

A investigação tem como gênese um estudo da recepção material de Charles Dickens por João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto), até então pouco explorada. Apesar de existirem escassas referências diretas ao romancista londrino na obra do cronista carioca, há indícios suficientes da importância dessa recepção. A menção mais explícita a Dickens nos textos de João do Rio localiza-se na conferência “A rua”, que abre *A Alma Encantadora das Ruas* (2008, p. 48): “Na literatura atual a rua é a inspiração dos grandes artistas, desde Victor Hugo, Balzac e Dickens, até às epopéias de Zola, desde o funambulismo de Banville até o humorismo de Mark Twain.”

Ademais, há uma evidência importante que indica a relevância da leitura do escritor britânico pelo brasileiro. De caráter extratextual, esta encontra-se na Biblioteca João do Rio, no Real Gabinete Português de Leitura, localizado na Rua Luís de Camões, 30, no Centro do Rio de Janeiro. A biblioteca corresponde à coleção pessoal de livros de Paulo Barreto, que fora doada por sua mãe ao Real Gabinete no mesmo ano de sua morte, 1921. Como pode ser verificado ao consultar o site do Gabinete<sup>1</sup>, existe no acervo da Biblioteca João do Rio um exemplar de *Sketches by Boz* (1905), a única coletânea de crônicas de Charles Dickens.

No dia 24 de janeiro de 2023, visitei o Real Gabinete Português de Leitura após agendamento prévio online e consultei a cópia de *Sketches by Boz* da Biblioteca João do Rio.

---

<sup>1</sup> A pesquisa pode ser realizada em: <http://rgplopac.bibliopolis.info>. Acesso em: 17 dez. 2023.

Atrás da folha de rosto do livro, pude observar a seguinte dedicatória<sup>2</sup> (ver ANEXO A):

To my friend  
Santos Maia<sup>3</sup>  
this kind remembrance  
J. Albano<sup>4</sup>  
Dec. 26<sup>th</sup> 1903<sup>5</sup>

A partir de então, é possível conjecturar sobre o modo como o exemplar chegou em posse de João do Rio. Note-se que o empréstimo e a circulação de livros entre literatos não eram práticas incomuns no Rio de Janeiro do início do século XX, a exemplo de como fazia o escritor Elísio de Carvalho, contemporâneo de Paulo Barreto:

[Elísio de Carvalho e]mpresta livros a todos os seus amigos e mesmo aos que o não são. Exemplares únicos aparecem, no fim de algumas semanas, pelos balcões dos sebos da cidade, outros desaparecem para sempre, sem que se saiba, exatamente, onde... E a caixotaria a chegar da Alfândega, e mais os pacotes, as faturas, os catálogos... E o Elísio, como um nababo, a encher as estantes, dele, dos amigos, dos sebos da Rua de S. José... (Edmundo, 2003, p. 473-474).

Em todo caso, é interessante observar que a data da dedicatória (26/12/1903) precede os textos de *A Alma Encantadora das Ruas*; em especial, a mencionada conferência “A rua” (apresentada em novembro de 1905; Rodrigues, 2010, p. 70). Dessa forma, sustenta-se a hipótese de que o escritor carioca teria lido as crônicas de Dickens antes de escrever as suas que, posteriormente, comporiam sua própria coletânea.

A fim de fundamentar essa hipótese é primordial ainda um cotejo entre seus textos literários. Para o presente estudo, foram selecionadas suas respectivas principais coletâneas de crônicas (no caso de Dickens, a única), *Sketches by Boz* e *A Alma Encantadora das Ruas* (publicados originalmente, de forma respectiva, 1836 e 1908). Com o fito de realizar um cotejo mais atento, elege-se aqui o par de crônicas “Gin-shops” e “Visões d’ópio”, ambas sobre a contemplação de usuários de substâncias psicoativas de forma recreativa. Outros pontos de

<sup>2</sup> No site do Real Gabinete Português de Leitura, há a descrição: “Obra com dedicatória [sic] de Jose d'Abreu Albano para Santos Maia em 26 de dezembro de 1903”. Acesso em: 17 dez. 2023.

<sup>3</sup> Santos Maia, frequentador dos cafés do Rio de Janeiro no início do século XX – assim como João do Rio (Edmundo, 2003, p. 356-358). Nas palavras de Edmundo (p. 356-357): “Não é literato, Maia, nem músico, muito menos pintor ou jornalista. É apenas um homem de sólida e vastíssima cultura, uma inteligência brilhante, que fãulha.”

<sup>4</sup> José de Abreu Albano (1882–1923), poeta cearense. Em *O Rio de Janeiro de Meu Tempo*, Edmundo (2003, p. 371-374) reconta uma anedota envolvendo Albano e Santos Maia.

<sup>5</sup> Tradução do autor: “A meu amigo / Santos Maia / esta gentil lembrança / J. Albano / 26 Dez 1903”.

comparação para investigações futuras ainda são possíveis, entre os quais destaco as crônicas penitenciárias – de um lado, “A Visit to Newgate” de Dickens e, do outro, seis textos reunidos na seção “Onde às vezes termina a rua” do livro de João do Rio. Existe a possibilidade também, a exemplo, de traçar diálogos entre as crônicas sobre meios de transporte urbanos<sup>6</sup> ou aquelas sobre festividades<sup>7</sup> nas duas cidades.

Para além da comparação direta entre pares ou grupos de crônicas, pode ser observada a existência de temas em comum entre os dois autores que permeiam diferentes textos. No par de crônicas selecionado, destaca-se a relevância e recorrência do tema da miséria – e como ela se relaciona com as adições, como discutido mais à frente. Essa recorrência temática da miséria pode ser explicada pela própria perspectiva do cronista *flâneur*, que se permite flunar por diferentes ambientes que, a princípio, não são acessíveis a (nem de interesse de) pessoas das classes superiores. Como afirma Candido (1992, p. 14), “[a crônica] pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas.” Isso permite ao cronista se posicionar horizontalmente a essas pessoas que, por sua vez, ganham uma caracterização literária – posicionamento esse que pode ser mais contemplativo (distanciado) ou participativo (aproximado).

Em relação a pesquisas antecessoras, embora haja farta produção acadêmica brasileira acerca da cronística de João do Rio e da literatura dickensiana – bem como extensa literatura internacional sobre Dickens –, estudos comparativos entre os dois são basicamente inexistentes. Uma das explicações para esse cenário pode ser o pouco conhecimento sobre a coletânea de crônicas do escritor inglês, geralmente mais conhecido por seus romances. Em pesquisa no agregador Google Acadêmico<sup>8</sup>, uma busca por produções sobre *Sketches by Boz* em língua portuguesa retorna pouquíssimos resultados de trabalhos que se dedicam principalmente à obra: duas dissertações de mestrado (Rodrigues, 2012; Verona, 2017) e um artigo (Verona, 2016).

Por meio de uma pesquisa mais afinada na plataforma, investigando a existência de trabalhos que tracem paralelos entre os dois autores<sup>9</sup>, constata-se que não há publicações anteriores que se preocupem com essa comparação direta. Alguns trabalhos mencionam brevemente uma relação entre ambos, porém sem qualquer aprofundamento. Dessa forma, a

---

<sup>6</sup> Como as crônicas sobre cocheiros, “The Last Cab-driver, and the First Omnibus Cad”, de Dickens; e “Velhos cocheiros”, de João do Rio.

<sup>7</sup> A exemplo de, em Dickens, “The First of May” e, em João do Rio, “Cordões”.

<sup>8</sup> Pesquisa realizada por meio dos termos (sem os colchetes) ["sketches by boz"] e com a limitação de resultados somente para páginas em língua portuguesa, realizada em 17 dez. 2023.

<sup>9</sup> Utilizando os termos (sem os colchetes): ["joão do rio" "charles dickens"] em 17 dez. 2023.

presente pesquisa justifica-se, em parte, por inaugurar os estudos que visam preencher a atual lacuna de estudos comparativos entre Charles Dickens e João do Rio.

No presente trabalho, inicio discutindo o gênero crônica em sua concepção jornalística, utilizando como subsídio teórico a introdução de *Sketches of the Nineteenth Century* (Lauster, 2007) e dois capítulos de *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* (Candido, 1992; Meyer, 1992). Em seguida, contextualizo os contextos biográficos e sócio-históricos dos dois autores, apontando pontos de convergência e divergência, com base nos capítulos “The life and times of Charles Dickens” (Smith, 2001) e “From *Sketches* to *Nickleby*” (Patten, 2001), bem como na obra biográfica *João do Rio: vida, paixão e obra* (Rodrigues, 2010). Realizo então uma comparação das coletâneas de crônicas *Sketches by Boz* e *A Alma Encantadora das Ruas*, apoiando-me em excertos de biografias dos dois autores, *Dickens* de Ackroyd (1990) e a de João do Rio mencionada anteriormente. A partir de então, chegamos a um cotejo minucioso entre as crônicas “Gin-shops” (Dickens, 1905) e “Visões d’ópio” (Rio, 2008), que ocupará a maior seção desse trabalho monográfico. Como auxílio nesse trabalho comparativo, emprego o artigo “Public Houses: Spatial Instabilities in *Sketches by Boz* and *Oliver Twist* (Part One)” (Cordery, 2003) e a monografia *Do ópio ao crack* (Sant’ana, 2013).

## 2 CRÔNICA GÊNERO

*Sketches* em palavras ou imagens, publicadas durante o auge da revolução jornalística, nas décadas de 1830 e 40, formam um gênero efêmero e aparentemente amorfo. Por esse motivo, até então não têm atraído muito interesse crítico<sup>10</sup> (Lauster, 2007, p. 1).

As duas frases acima abrem *Sketches of the Nineteenth Century* (Lauster, 2007), um dos mais recentes livros anglófonos sobre o gênero *sketches*. A abertura denuncia a atitude para com o gênero por parte dos estudiosos de língua inglesa; *sketches* são basicamente estudadas (quando o são) por uma perspectiva histórica. Em outras palavras, um gênero que teria ficado no passado. Apesar da menor importância atribuída também pela crítica brasileira – como já denunciava Antonio Candido (1992) em “A vida ao rés-do-chão” –, crônicas se mantêm um gênero ativo no país, contando inclusive com uma categoria exclusiva no Jabuti, um dos maiores prêmios literários do Brasil.

Antes de prosseguir, explico aqui a motivação por preservar o nome *sketches* nessa seção, mas não no restante do trabalho (com exceção de alguns trechos traduzidos) ao referir-me às crônicas de Charles Dickens. O gênero *sketches* não corresponde exatamente ao que chamamos na crítica brasileira de “crônicas”, em parte pela perspectiva anglófona de que seria um gênero que não teria resistido ao tempo presente. É importante também a distinção semântica dos termos; citando o dicionário Oxford, Lauster (2007, p. 2) menciona que *sketch* deriva, presume-se, do latim *schedius* (significando algo feito de forma improvisada; Diez; Donkin, 1864, p. 391). Do termo latino teria derivado também o espanhol *esquicio* (Diez; Donkin, 1864, p. 391) – e, por associação, “esquisso” no português, sinônimo menos comum de “esboço”<sup>11</sup>. Há, portanto, uma conotação bastante diferente da de “crônica”: “Narração histórica pela ordem do tempo em que se deram os fatos” (segundo o dicionário Michaelis On-Line).

---

<sup>10</sup> Essa e todas as demais traduções da língua inglesa para a portuguesa ao longo do trabalho são de minha autoria.

Original: “Sketches in words and images published during the heyday of the journalistic revolution, the 1830s and 40s, are an ephemeral and seemingly amorphous genre. As such, they have hitherto not attracted much critical interest.”

<sup>11</sup> Existe no português também a palavra “esquete”, que “No teatro, rádio e televisão, designa peça de curta duração e poucos atores”, aportuguesada do inglês *sketch* (de acordo com o dicionário Michaelis On-Line). Assim, o termo faz referência indireta ao original latino, mas não é de interesse para a presente investigação.

Em ambos os casos, porém, as origens das *sketches* anglófonas e as crônicas brasileiras podem ser traçadas desde os *feuilletons* dos jornais franceses – como mencionado por Lauster (2007, p. 1-2) e, na citação a seguir, por Meyer (1992, p. 96):

De início — começos do século XIX — *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* — rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, que é oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica.

O *feuilleton* (folhetim no Brasil) surgiu com um caráter multifacetado: “nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos, o esboço do Caderno B, em suma” (Meyer, 1992, p. 96). Serviria ainda, de acordo com a autora, como um espaço para escritores treinarem o gênero narrativo (Meyer, 1992, p. 97) – de certo modo, como “esboços”. A fórmula é então replicada no Brasil, “Basta um relance pela imprensa [brasileira] do século XIX para v[er o folhetim], em todas as suas modalidades” (Meyer, 1992, p. 99). Desse espaço híbrido jornalístico-literário e convidativo à escrita ao rés-do-chão, em meio a variados gêneros, surgiu a crônica jornalística. Há aqui uma oposição à crônica de viagem; Lauster, 2007, p. 18, discute como *sketches* nascidas do jornal empregam o olhar do estrangeiro sobre “ambientes familiares” ao cronista. Em relação à sincronicidade dos eventos, Charles Dickens publica em 1836 sua coletânea, *Sketches by Boz*, mesmo ano em que é lançado no Rio de Janeiro *O Chronista*, periódico que traz sua própria seção reservada ao gênero da crônica (Meyer, 1992, p. 100).

Quanto às características dos textos cronísticos, ressalto a escrita ao rés-do-chão e seu caráter híbrido. O primeiro é tema principal de “A vida ao rés-do-chão” de Antonio Candido (1992, p. 13), em que escreve:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, — seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.

A leitura coaduna com aquela feita por Lauster (2007, p. 1) na abertura de seu livro, de que as crônicas/*sketches* seriam consideradas pela crítica como um gênero de menor importância. Isso deve-se, em parte, por suas origens jornalísticas (logo, não puramente literárias), como também pelas tópicas abordadas; nas palavras de Meyer (1992, p. 104), trata-se de “um gênero que pela primeira vez deu estatuto de personagem às classes laboriosas”. Ou, nas de Candido (1992, p. 14), “o fato de [a crônica] ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase.”

Dessa forma, a crônica/*sketch* desafia o *status quo* da “literatura” em sua concepção tradicional ao trazer como personagens as “classes laboriosas” e pela sua proximidade com o “dia-a-dia”, o *rés-do-chão*. O que não implica em uma menor importância real de seu conteúdo, na verdade “elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (Candido, 1992, p. 17-18). Essa característica é particularmente interessante para a análise em tela, uma vez que será discutida a aproximação dos autores com os “submundos” dos usos de substâncias psicoativas em “Gin-shops” e “Visões d’ópio”.

A menor importância direcionada ao gênero é motivada ainda pelo hibridismo da crônica/*sketch*, “um meio múltiplo, aberto; mais precisamente, [...] uma publicação coletânea que não é nem jornal nem livro”<sup>12</sup> (Lauster, 2007, p. 19). Não é coincidência que *Sketches by Boz* reúna não apenas o que aqui estou chamando de crônicas nas três primeiras de suas quatro seções, como também um conjunto de contos ficcionais em sua última. Esses contos, pequenas peças de ficção em prosa, confundem-se em menor medida com as crônicas, uma vez que todos são oriundos dos jornais ingleses em que Dickens publicava suas narrativas curtas e de caráter “ensaístico”. Por suposto, as diferenças ainda eram palpáveis, de forma que o próprio autor separou os contos na seção final do livro.

Note-se que esse hibridismo entre jornalismo e literatura pode ser observado dentro de uma única crônica, como em momentos que é possível questionar se o texto não se aproxima de um conto de ficção. Esse movimento ocorre por exemplo em “Gin-shops”, em um determinado momento em que o narrador assume uma posição de quase onisciência ao descrever os moradores de um prédio no qual ele não entra (Dickens, 1905, p. 169-171). A aproximação com o conto também pode ser apontada em “Visões d’ópio”, como o faz

---

<sup>12</sup> Original: “a multipliable, open medium; more precisely, as a collectable publication that is neither journal nor book”.

Rodrigues (2010, p. 64): “Luiz Edmundo, entre outros contemporâneos, confirma a veracidade da aventura de João do Rio, aqui para mais para o conto do que para a reportagem.” Reconhecendo o hibridismo das crônicas, a análise literária à frente é realizada sob a perspectiva de que a voz dos textos (tanto de Dickens quanto de João do Rio) são propriamente narradores – ou melhor, narradores-personagens, pois se localizam internamente ao espaço diegético –, não o “jornalista” Charles Dickens e/ou João do Rio.

### 3 CHARLES DICKENS E SUA LONDRES, PAULO BARRETO E SEU RIO

#### 3.1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Charles John Huffam Dickens nasceu em 7 de fevereiro de 1812 em Portsmouth, cidade portuária ao sul da Inglaterra, mas para todos os efeitos tornar-se-ia mais tarde um cidadão de Londres. O então futuro escritor foi criado em uma família de classe média baixa, com avós paternos mordomo e governanta que ocupavam um lugar hierarquicamente superior aos demais funcionários da casa (Smith, 2001, p. 3). A posição de relativo prestígio do casal permitiu que seu filho, John Dickens, pai de Charles, viesse a ocupar um cargo de funcionário público e ganhar um bom salário para a época (Smith, 2001, p. 3).

As dificuldades da família, porém, se iniciaram a partir de uma dívida do pai, John, que viria a ser preso por inadimplência em Marshalsea Prison em Londres (Smith, 2001, p. 3). Os problemas financeiros levaram Charles, aos 12 anos, a começar a trabalhar na fábrica Warren's Blacking, interrompendo seus estudos (Smith, 2001, p. 3). De acordo com Smith (2001, p. 5), "Ter testemunhado a perda material estimulou a preocupação de Dickens pelos pobres por toda a sua vida de escritor"<sup>13</sup>, como será ilustrado na discussão a seguir sobre sua crônica "Gin-shops". Esse pano de fundo também explica parcialmente "sua obsessão evidente por prisões"<sup>14</sup> (Smith, 2001, p. 5), tema recorrente de seus romances e de uma de suas crônicas, "A Visit to Newgate" (que, décadas depois, encontraria ecos nas crônicas penitenciárias de João do Rio).

Mesmo com relativamente pouca instrução formal, Dickens conseguiu se tornar escrevente de advocacia, em seguida repórter do sistema judiciário inglês (primeiro *freelance*, depois pelo *The Mirror of Parliament*) e, enfim, repórter do *Morning Chronicle* em 1834, onde trabalhou até 1836 (Smith, 2001, p. 6). Esse seria um dos jornais em que Dickens publicaria suas crônicas que posteriormente comporiam *Sketches by Boz*, seu primeiro livro, de grande sucesso comercial. Os resultados positivos desse permitiriam a serialização (também em jornal) de *The Pickwick Papers*, de 1836 a 1837, o primeiro de uma imponente bibliografia de romances (Smith, 2001, p. 6).

Sete décadas após o nascimento do inglês, do outro lado do Oceano Atlântico, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto nasceu em 5 de agosto de 1881 no Rio de Janeiro (quase 11 anos após a morte de Charles Dickens). Seu núcleo familiar era relativamente humilde: a mãe, Florência, havia recebido parte da herança do avô de Paulo e o pai, Alfredo,

---

<sup>13</sup> Original: "Having glimpsed dispossession fueled Dickens's concern for the dispossessed for the whole of his writing life."

<sup>14</sup> Original: "his evident obsession with prisons".

trabalhava como professor dando aulas particulares e, eventualmente, lecionando matemática na Escola Normal e mecânica e astronomia no Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II) (Rodrigues, 2010, p. 21-23).

Segundo Rodrigues (2010, p. 26), “Há poucas pistas do período escolar de Paulo Barreto.” Sabe-se que estudou no colégio São Bento, porém comprovadamente apenas nas aulas de português, ao passo que aprendeu matemática com o próprio pai e “Foi autodidata no aprendizado de francês, geografia, história e literatura” (Rodrigues, 2010, p. 27-28). Assim como Dickens, não cursou o nível universitário e viria a ser atacado por críticos pela pouca instrução formal (Rodrigues, 2010, p. 27-28; Smith, 2001, p. 12).

Antes de completar 18 anos, publicou seu primeiro texto em *A Tribuna*, uma resenha da peça *Casa de Bonecas* de Henrik Ibsen, e, duas semanas depois, começou a trabalhar para *A Cidade do Rio*, onde ficou até 1900 (Rodrigues, 2010, p. 30-33). Seguiu atuando em diferentes jornais e chegou a publicar dois ousados contos com temática homoerótica, “Impotência” e “Ódio” (Rodrigues, 2010, p. 35-36).

Após a falência de *A Cidade do Rio* em 1902, o escritor tentou, sem sucesso, entrar na carreira diplomática em 1902 e, em seguida, retornou definitivamente ao jornalismo indo para a *Gazeta de Notícias*. Foi nesse jornal que surgiram os textos que viriam a compor o primeiro livro de João do Rio, *As Religiões no Rio*, uma série de reportagens publicadas inicialmente no jornal entre fevereiro e março de 1904 (Rodrigues, 2010, p. 50). Para a análise do presente trabalho, vale ressaltar a proximidade do trabalho jornalístico, bem como a coleção posterior em livro, com *Les petites religions de Paris* por Jules Bois de 1908 – além do fato do carioca ter negado a influência francesa:

A estrutura das duas obras é a mesma: o narrador visita templos e sacerdotes de religiões desconhecidas de uma grande metrópole. Algumas seitas são comuns em ambas as obras, apesar dos títulos diferentes: *Les swedenborgiens*/A nova Jerusalém; *Vintras, Boullan et le sataisme*/ O satanismo; *Le culte de l'Humanité*/A Igreja Positivista (Rodrigues, 2010, p. 50).

Esse apontamento não implica, porém, em demérito ao cronista carioca; evidentemente sua primeira obra trouxe o ineditismo de reportar os cultos de origem africana, além de apresentar marcas características do autor. Seu valor, de qualquer forma, foi atestado pelo sucesso de vendas (Rodrigues, 2010, p. 52), de forma similar ao que ocorrera com o primeiro livro de Dickens. O jornalista publicou no ano seguinte no mesmo periódico a série “O momento literário”, que se tornaria seu segundo livro, homônimo (Rodrigues, 2010, p. 54),

“Mais uma vez a inspiração veio da imprensa francesa: *Enquête sur l'évolution littéraire*, do jornalista Jules Huret, publicada em 1891 no *L'Écho de Paris*.”

Apesar de duas tentativas fracassadas para ser eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1906 e 1907 (só viria a ser eleito em 1910), o jornalista continuava fazendo sucesso com suas crônicas e até mesmo com suas conferências, gênero importado da França. Dentre as conferências, destaca-se “A rua”, apresentada em novembro de 1905 (Rodrigues, 2010, p. 70). Em 1907, vendeu para a Casa Garnier os direitos de edição de *O Momento Literário* e *A Alma Encantadora das Ruas*; esse último reuniria crônicas publicadas previamente na *Gazeta de Notícias* e na revista *Kosmos*, sendo lançado no ano seguinte, 1908.

Deve-se destacar também o contexto sócio-histórico dos períodos em investigação, iniciando-se com a Londres entre 1834 e 1836, anos de publicação das crônicas de *Sketches by Boz*. O censo de 1831 dava o número populacional da cidade em quase 1,47 milhão de pessoas, com um aumento que resultaria em 1,87 milhão em 1841<sup>15</sup> (Pardon, [ca. 1875]). Esse era o final da Revolução Industrial iniciada em 1760 e seus efeitos – como a formação de uma classe média na qual a família de Dickens estava inserida (Smith, 2001, p. 12) – acumulavam-se em grandes capitais europeias como Londres, que passava pela rápida expansão populacional mencionada.

A capital da Inglaterra atraía imigrantes de diversas partes do mundo, fazendo dela uma cidade verdadeiramente cosmopolita; enquanto isso a escravatura apenas acabara de ser abolida, no Slavery Abolition Act 1833. O acelerado aumento da população, por sua vez, acarretou em uma acentuada desigualdade socioeconômica, cujos efeitos são ilustrados em diversas passagens das crônicas de Dickens, bem como em seus romances posteriores. Todas essas características – dadas as devidas diferenças – seriam similares àquelas do Rio de Janeiro entre 1904 e 1907, quando foram publicadas as crônicas posteriormente reunidas em *A Alma Encantadora das Ruas* em 1908 – até mesmo o *status* de capital de seu respectivo país.

Observemos que apesar de Dickens ter escritos as crônicas da coleção em análise entre 1834 e 1836 e João do Rio entre 1904 e 1907, suas cidades – ambiente de suma importância na cronística de ambos – têm mais em comum nesses períodos do que sincronamente:

[A] área urbana efetiva [do Rio de Janeiro das últimas décadas do século XIX] restringia-se ao trecho entre o Largo do Machado e a Praça XI, pouco mais do que o atual Centro histórico. Laranjeiras, Tijuca e São Cristóvão eram ainda predominantemente chácaras, e, mais distante, quase zona rural. Lembremos que a Floresta da Tijuca, artificial, fora plantada em 1861 onde eram cafezais.

<sup>15</sup> Comparemos com os 8,8 milhões contabilizados no censo de 2021 (Domman, 2022). Os números aqui trazidos incluem a população dos chamados Inner e Outer London que, juntos, formam a cidade capital da Inglaterra e do Reino Unido.

Só a partir dessa data, com a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, e dez anos depois, com a instalação das linhas de bondes, povoaram-se os bairros e subúrbios (Rodrigues, 2010, p. 17).

Em números populacionais, o Rio da virada do século XIX para o XX contava com 520 mil pessoas no censo de 1900<sup>16</sup> (Rodrigues, 2010, p. 18), ainda muito atrás dos números de Londres. A urbanização influenciava diretamente em uma característica comum das cidades nos períodos respectivos em estudo, o rápido crescimento populacional, que também era exacerbado pelo intenso fluxo de imigrações e pelo recente fim da escravatura em 1888<sup>17</sup> (Rodrigues, 2010, p. 18). Sobre as rápidas transformações urbanas, vale destacar as reformas de Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, inspiradas pela reforma parisiense meio século antes (Rodrigues, 2010, p. 43-44):

A construção da Avenida Central (atual Rio Branco) foi conseguida após o despejo sumário de 20 mil pessoas e a derrubada de dois mil imóveis. Foi o célebre “bota-abaxo” que enlouqueceu a cidade durante 1903 e 1904, exatamente o período em que Paulo Barreto assumiu na Gazeta a coluna “A Cidade”, assinando misteriosamente X (Rodrigues, 2010, p. 44).

Embora haja diferenças significativas nos níveis de desenvolvimento socioeconômico em questão, bem como no campo da cultura, a observação das aproximações desses contextos mostra-se relevante para uma análise aprofundada dos textos em tela. Dessa forma, entender essas produções textuais dentro das coordenadas sócio-históricas de um tempo e um espaço específicos – a Londres de 1834 e 1836 e o Rio de 1904 e 1907 – aponta para pontos de contato importantes. Pode-se ressaltar, a exemplo, a recorrência do tema da miséria, além da presença da crítica social, que partem da realidade material dos autores para a manifestação literária no campo do texto.

### 3.2 PSEUDÔNIMOS – DE BOZ ÀS MÚLTIPLAS MÁSCARAS DE JOÃO DO RIO

Além das aproximações mencionadas, uma característica comum aos dois autores é o uso de pseudônimos, especialmente importante para a análise das obras selecionadas. Se por um lado “João do Rio” se consolidou como nome pelo qual Paulo Barreto seria reconhecido no

<sup>16</sup> Londres ainda é, em termos populacionais, consideravelmente maior que o Rio de Janeiro, mas os números são muito mais próximos: 6,21 milhões na cidade carioca (censo de 2022; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) versus os 8,8 milhões na urbe londrina (censo de 2021).

<sup>17</sup> Note-se que ambos Dickens e João do Rio foram contemporâneos às abolições em seus países.

mundo literário, “Boz” foi rapidamente abandonado por Charles Dickens. Em *Sketches by Boz*, no entanto, em que o pseudônimo figura no próprio título, ele ocupa um lugar de destaque.

Patten (2001, p. 17) discorre sobre a primeira publicação de Charles Dickens, submetida anonimamente para *Monthly Magazine*, que inaugurou quinze meses de envios anônimos e não remunerados do autor para publicação. Ao mesmo tempo, o escritor amador sofria de uma incrível ansiedade quanto ao seu trabalho: “ele fugia da rua, cujas atividades ele exploraria em suas *sketches* subsequentes, quase como se tivesse vergonha por ser conhecido como escritor”<sup>18</sup> (Patten, 2001, p. 17).

Como mencionado, o autor começou a trabalhar no periódico *Morning Chronicle* em 1834 (aos 22 anos) e, além disso, para outra publicação do mesmo grupo em 1835, de tiragem trissemanal, o *Evening Chronicle* (onde seria publicado “Gin-shops”). Em suas crônicas para os jornais, Dickens opta por assinar como “Boz”, apelido de um irmão mais novo:

Dentro de dois anos, Dickens havia, de fato, construído uma certa reputação como “Boz”. Ele vendia histórias para outros jornais sob o pseudônimo e um jovem editor, John Macrone, propôs coletar os textos, adicionar ilustrações de um caricaturista londrino experiente, George Cruikshank, e republicá-los. Mas enquanto *Sketches by Boz* estava sendo revisado e preparado para publicação no inverno de 1835-1836, Dickens escreveu mais doze textos jornalísticos em *Bell's Life in London* sob o pseudônimo “Tibbs”. Embora esses textos, então não mais por “Tibbs”, tenham sido eventualmente apanhados para os dois volumes de *Sketches by Boz* de fevereiro de 1836, ou para o suplemento em volume único de dezembro de 1836, em algum nível, Dickens ainda não estava, aos vinte e quatro anos, completamente investido em uma única projeção literária, Boz<sup>19</sup> (Patten, 2001, p. 18).

A ansiedade do autor aparentemente se manteve mesmo com a atenção que suas crônicas sob o pseudônimo Boz havia atraído, a ponto de receber uma oferta de publicação em livro – *Sketches by Boz* –, uma vez que ele usaria um segundo pseudônimo para outros textos, “Tibbs”. Em adição, ele utilizaria, poucos anos depois, “Timothy Sparks” para assinar um panfleto (Patten, 2001, p. 19). Em todo caso, como descrito na passagem acima, até a publicação da

---

<sup>18</sup> Original: “he hid from the street whose activities he would pry into in subsequent sketches, almost as if he were ashamed for being known as a writer.”

<sup>19</sup> Original: “Within two years Dickens had, in fact, made quite a reputation as ‘Boz.’ He sold stories to other journals under that pseudonym, and a young publisher, John Macrone, proposed collecting the papers, adding illustrations by the veteran London caricaturist George Cruikshank, and republishing them. But while *Sketches by Boz* were being revised and prepared for the press in the winter of 1835–36, Dickens wrote twelve more journalistic pieces published in *Bell's Life in London* under the pseudonym of ‘Tibbs.’ Although these papers, no longer by ‘Tibbs,’ were eventually swept up into the February 1836 two-volume *Sketches by Boz* or the one-volume December 1836 supplement, at some level Dickens was not yet, at the age of twenty-four, fully invested in a single literary projection, Boz.”

coletânea, “Tibbs” seria abandonado – não por “Charles Dickens”, mas, por enquanto, ainda por Boz.

Apesar de sua timidez, Dickens não podia negar o sucesso dos escritos sob Boz, de tal forma que manteve o pseudônimo durante a publicação serializada de seus três primeiros romances, *The Pickwick Papers*, *Oliver Twist* e *Nicholas Nickleby* (Patten, 2001, p. 21, 31). Contudo, o emprego da pseudonímia caminhava para o seu fim; em novembro de 1838, para a publicação de *Oliver Twist* em livro, Charles Dickens solicitou que seu próprio nome fosse colocado no lugar de Boz (Patten, 2001, p. 21). O terceiro romance, *Nickleby*, por sua vez, trazia desde a concepção um princípio de distanciamento da figura do Boz escritor; o título originalmente continha as palavras *Faithful Account* [Relato Fiel], dando a entender que a história teria sido escrita pelo próprio personagem titular, ao passo que Boz era creditado como editor (Patten, 2001, p. 31). Mas até sua última publicação em jornal e, posteriormente, em livro, o romance teve seu título simplificado, excluindo a sugestão de que tivesse sido escrito pelo personagem principal, bem como a menção ao trabalho de edição de Boz; o romance agora era simplesmente assinado por “Charles Dickens”. Segundo Patten (2001, p. 21),

A esse ponto, ele estava disposto e capaz de receber crédito por direito próprio por sua escrita e estava aprendendo a como tornar seu nome em uma espécie de marca de qualidade, compaixão, humor e invenção fora do comum. Ele já estava bem encaminhado para se tornar um fenômeno, uma celebridade e um talento de tamanha magnitude de tal modo que ele só poderia ser chamado de “o Inimitável”.<sup>20</sup>

A relação entre Paulo Barreto e sua pseudonímia, por sua vez, ocorreu de forma diferente. Assim como Dickens, pelo menos, havia a multiplicidade de pseudônimos: Claude assinava suas críticas (tomado de empréstimo de Émile Zola), X a coluna “A Cidade” na *Gazeta* entre 1903 e 1904, José sua nova produção crítica em 1907 (Rodrigues, 2010, p. 34, 44, 59); mas esses são apenas alguns dos muitos nomes utilizados. Seu biógrafo observa que o emprego de pseudônimos era comum no jornalismo da época e explica sobre como fazia o cronista carioca:

[Havia] ainda assinado artigos esparsos como João Coelho e Caran d’Ache, uma homenagem ao grande caricaturista francês. Em 26 de novembro de 1904 surge um novo nome como o responsável pela reportagem “O Brasil lê”: João

---

<sup>20</sup> Original: “He was by then willing, and able, to take credit in his own right for his writing, and he was learning how to make his name a kind of trademark for quality, compassion, humor, and prodigious invention. He was well on the way to becoming a phenomenon, a celebrity and a talent of such magnitude that he could only be called ‘the Inimitable.’”

do Rio. Não poderia adivinhar que essa alcunha viesse a suplantar sua verdadeira identidade [...] do qual não se libertará jamais. Parece [...] derivada de Jean de Paris, na verdade Napoléon-Adrian Marx (1837-1906), jornalista do *Le Figaro*. De Jean de Paris para João do Rio foi um pulo (Rodrigues, 2010, p. 49).

A função da pseudonímia é, dessa forma, distinta para ambos os autores em análise. Se Dickens se escondia atrás de Boz e, por vezes, atrás de um segundo pseudônimo por trás do primeiro devido a uma ansiedade em sua posição pública como escritor, João do Rio trocava de nomes como quem troca de máscaras. Nesse sentido, a técnica de Paulo Barreto se aproximaria de uma heteronímia, uma vez que os diferentes nomes ocupavam espaços específicos. No final, a adoção de João do Rio tomou o lugar de nome “definitivo”, “suplanta[ndo] sua verdadeira identidade”, graças ao sucesso das publicações sobre a alcunha.



#### 4 SKETCHES BY BOZ (1836) E A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS (1908)

*Sketches by “Boz,” Illustrative of Every-day Life and Every-day People* foi publicado pela primeira vez em 1836, uma coleção de textos curtos de Dickens anteriormente impressos em jornais entre 1833 e 1836, sendo seu primeiro livro – antecessor a todos os seus romances. A versão definitiva contém 56 desses textos, entre crônicas e contos ficcionais. O livro apresenta uma estrutura interna dividida em quatro seções: “Our Parish” [Nossa Freguesia], “Scenes” [Cenas], “Characters” [Personagens] e “Tales” [Contos]; as três primeiras correspondem às 44 crônicas e a última aos 12 contos que compõem a obra. Além disso, *Sketches* também é conhecido pela presença de ilustrações de George Cruikshank. Sobre os textos que o compõem, Ackroyd (1990, p. 165-166), um de seus principais biógrafos, escreve:

[Nela] ele começou a combinar ficção e observação em novas formas. Antes, as histórias sempre tenderam a ser mais altivas, mais burlescas, devendo em grande parte ao teatro. As *sketches* são mais benignas, mais significativas, mais preocupadas em elucidar o mundo. [...] O que era interessante agora, também, era a expressão intermitente de sua indignação social; ele não era mais o zombeteiro irônico ou altivo e, em seus primeiros textos para o *Evening Chronicle*, suas preocupações sociais começavam a surgir muito claramente.<sup>21</sup>

Na primeira seção, “Our Parish”, Dickens apresenta sete crônicas sobre personagens e situações de sua freguesia (paróquia civil), como que em uma espécie de ensaio para os textos sobre o restante de Londres. Na maior seção, com quase metade dos textos do livro (25), “Scenes”, o escritor descreve situações diversas, entre observações astutas dos diferentes funcionamentos das ruas a depender do horário do dia<sup>22</sup>, de bairros perigosos<sup>23</sup>, de modos de transporte urbanos<sup>24</sup>, até mesmo do presídio<sup>25</sup>, entre outras tópicas. Também é aqui que se localiza a crônica de nosso maior interesse, “Gin-shops”. Por fim, a seção “Characters” traz doze crônicas que focalizam personagens específicos da metrópole londrina.

---

<sup>21</sup> Original: “[In it] he began to combine fiction and observation in new ways. The stories had always tended to be more supercilious, more farcical, owing a greater debt to the theatre. The sketches are more benign, more purposeful, more concerned with elucidating the world. [...] What was interesting now, too, was the intermittent expression of his social indignation; he was no longer the ironic or supercilious farceur and in his first pieces for the *Evening Chronicle* his social concerns began to emerge very clearly.”

<sup>22</sup> “The Streets – Morning” e “The Streets – Night”.

<sup>23</sup> “Seven Dials”.

<sup>24</sup> “Hackney-coach Stands”, “Early Coaches”, “Omnibuses”, “The Last Cab-driver, and the First Omnibus Cad”.

<sup>25</sup> “A Visit to Newgate”.

Por sua vez, a coletânea de crônicas *A Alma Encantadora das Ruas* foi publicada originalmente em 1908, terceiro livro de João do Rio após *As Religiões do Rio* e *O Momento Literário* – e, além disso, a obra pela qual ficaria mais conhecido (diferentemente de *Sketches* para Dickens). De dimensões mais modestas, *A Alma* conta com 25 crônicas (número equivalente à seção “Scenes” da coletânea dickensiana) e duas conferências, uma que abre e outra que fecha a obra (respectivamente, “A rua” e “A Musa das ruas”). Dentre as crônicas há também uma divisão, porém apenas em três partes: “O que se vê nas ruas” (13 crônicas; onde se encontra “Visões d’Ópio”), “Três aspectos da miséria” e “Onde às vezes termina a rua”; as últimas duas com seis crônicas cada.

Comparando as divisões internas dos dois livros, a de *Sketches by Boz* utiliza critérios mais formais; primeiro, na separação dos contos em uma última seção ao final, além da separação das crônicas que tratam de situações mais gerais (“Scenes”) ou que enfocam em personagens específicos (“Characters”). O critério mais temático é aquele que seleciona “Our Parish”, uma vez que ali os textos se baseiam em acontecimentos e personagens de uma localidade específica, a freguesia de Dickens. A divisão de *A Alma*, por sua vez, segue critérios simplesmente temáticos:

No primeiro (“O que se vê nas ruas”) são descritos pequenos biscates e costumes cariocas [...]. No segundo (“Três aspectos da miséria”) surgem os problemas sociais da prostituição, da exploração de operários, da verdadeira e da falsa mendicância. Finalmente, no terceiro (“Onde às vezes termina a rua”) reaparecem as seis reportagens na Casa de Detenção publicadas na Gazeta, intituladas “Nos jardins do crime”, sendo os criminosos as flores (Rodrigues, 2010, p. 71-72).

Sobre as possíveis influências da coletânea, Rodrigues (2010, p. 71) comenta primeiramente sobre obras francesas. O biógrafo descarta aproximações com *El alma encantadora de Paris*, de 1902, para além da similaridade dos títulos, uma vez que esse é composto por “ensaios sobre a arte decadentista”, assunto bem diverso daquela de *A Alma*. O autor sugere:

O conteúdo do livro brasileiro tem mais a ver com *Les petites choses de Paris*, 1888, de Jean de Paris. Recuando mais um pouco, por que não *Paris inconnu*, 1878, de Alexandre Privat d’Anglemon, mulato de Guadalupe que retratou o desaparecimento da Paris medieval sob o “bota-abaixo” de Haussmann, com suas estranhas profissões (vendedores de gatos por lebre, trapeiros, músicos ambulantes)? (2010, p. 71).

Não menciona, de qualquer forma, *Sketches by Boz* ou Charles Dickens. Ao tratar das crônicas penitenciárias, Rodrigues (2010, p. 71) dá como certa a influência de Oscar Wilde, que também visitara uma penitenciária nos Estados Unidos. Não se faz necessário discutir acerca da influência wildiana sobre do Rio, fato notório e largamente abordado. Em todo caso, observemos que a experiência de Charles Dickens visitando o presídio de Newgate no coração de Londres apresenta uma analogia mais próxima à de João do Rio. Não apenas pela posição relativa da instituição – a Casa de Detenção visitada pelo carioca Rio localizava-se também no centro da cidade –, como também pelo fato de que Wilde não escreveu sobre seu testemunho em uma crônica ou “sketch”.<sup>26</sup>

Ademais, como mencionado, os dois livros apresentam pontos de contato relevantes quanto a suas temáticas, como a recorrência do tema da miséria – que ganha uma seção à parte em *A Alma*. Na Introdução, foram mencionadas algumas crônicas cujas tópicas se aproximam de forma particularmente interessante (meios de transporte urbanos, eventos festivos na cidade). Para o presente estudo, foi elencado o seguinte par de crônicas para um cotejo mais minucioso: “Gin-shops” de Boz e “Visões d’Ópio” de João do Rio. Como discutido a seguir, as aproximações extrapolam o tema central, a contemplação (pelo narrador) de usuários de substâncias recreativas *in locu*: desde o movimento de deslocamento do narrador-personagem pela cidade, até a escolha de itens lexicais, entre outros elementos. Entretanto, será interessante também um apontamento dos distanciamentos das duas crônicas de forma a analisar como João do Rio se distingue de cronistas pretéritos como Charles Dickens.

---

<sup>26</sup> O fez, contudo, em uma carta a uma amiga (Holland; Hart-Davis, 2000, p. 165-166).



## 5 “GIN-SHOPS” E “VISÕES D’ÓPIO”

### 5.1 PALÁCIOS DE GIN E CASAS DE ÓPIO

“Gin shops” foi publicada pelo pseudônimo Boz em 7 de fevereiro de 1835 (sábado) na terceira página do jornal *Evening Chronicle* (ver ANEXO B), crônica na qual o jornalista descreve por meio de sua perspectiva o fenômeno dos palácios de gin em Londres. O texto foi republicado posteriormente em *Sketches by Boz*, correspondendo ao capítulo 22 da seção “Scenes” da edição definitiva do livro. Em relação ao texto original do *Chronicle*, não foram realizadas grandes alterações, com a exceção de uma divisão em mais parágrafos.

Quase sete décadas depois, “Visões de ópio. Os chins do Rio”, assinada por João do Rio, apareceu na segunda página da *Gazeta de Notícias* no Rio de Janeiro (ver ANEXO C), em 7 de janeiro de 1905 (também um sábado), narrando a visita inusitada do jornalista a um par de casas de ópio na cidade. Mais tarde, ocupou a posição de oitava crônica na seção “O que se vê na rua” (bem como no livro como um todo) de *A Alma Encantadora das Ruas*. Igualmente à publicação de “Gin-shops” na coletânea respectiva, “Visões d’Ópio” não passou por grandes alterações em sua republicação. Assim como as duas respectivas coletâneas que surgiram *a posteriori*, ambas as crônicas em tela apresentam outras aproximações, bem como distanciamentos, entre si.

Retornando a Dickens, para compreender a figura dos “palácios de gin” na crônica “Gin-shops”<sup>27</sup>, é necessário conhecer um pouco da história dos hábitos de consumo de bebidas alcóolicas no Reino Unido no início do século XIX. A formação desses locais está intimamente relacionada com as mudanças sociais da época; nesse caso em específico, o fenômeno origina-se em uma tentativa do poder legislativo para, na verdade, tentar diminuir o consumo de gin:

Como tentativa de reduzir o consumo de gin e encorajar o de cerveja, que era considerado menos danoso para a saúde e as morais, e sob pressão dos *lobbies* da cervejaria e do livre comércio, o 1830 Beerhouse Act [Ato das Cervejarias de 1830] removeu os impostos da cerveja e, de forma mais significativa, permitiu que ela fosse vendida por qualquer proprietário que pagasse dois guinéus como imposto de consumo. Dentro de seis meses, havia 24 mil novos vendedores de cerveja e nos cinco anos seguintes 40 mil novos *pubs* surgiram (Cordery, 2003, p. 4).<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Chamados de *gin shops*, *gin palaces*, ou mesmo *gin temples* (Cordery, 2003, p. 4); Dickens opta exclusivamente por *gin-shops* em sua crônica.

<sup>28</sup> Original: “In an attempt to reduce the drinking of gin and encourage the consumption of beer which was thought to be less injurious to health and morals, and under pressure from the brewing and free trade lobbies, the 1830 Beerhouse Act removed taxes from beer but more significantly allowed it to be

O esforço para substituir o consumo de gin pelo de cerveja no Reino Unido teve como reação dos vendedores já consolidados a transformação de seus estabelecimentos em lugares luxuosos para atrair a atenção da clientela; surgiam assim os palácios de gin (Cordery, 2003, p. 4). Como Dickens descreve em sua crônica, os palácios tinham uma predileção pelo uso de janelas de vidro liso e iluminação a gás, invenções recentes da época (Cordery, 2003, p. 5). Segundo Cordery (2003, p. 5), o primeiro palácio de gin foi criado em 1829 – próximo da estimativa de Dickens ao citar as características mencionadas desses lugares “seis ou oito anos” antes da escrita da crônica, em 1835 (Dickens, 1905, p. 168).

O autor do artigo também menciona uma estratificação socioeconômica em relação ao consumo de bebidas alcoólicas entre os britânicos desse período: “Vinho, conhaque e uísque, claro, eram consumidos pela classe média, gin pela classe trabalhadora”<sup>29</sup> (Cordery, 2003, p. 6). Ou seja, o gin, entre as bebidas de alto teor etílico, era uma das opções mais baratas, o que selecionava seus usuários dentre as classes menos abastadas; um ponto importante para a discussão a seguir. Ademais, a ilustração de Cruikshank que acompanhou a edição em livro de 1839 (ver ANEXO D) sugere que esses estabelecimentos também eram abertos a crianças – presumivelmente filhos dos clientes –, apesar de que essa característica não é explorada na crônica.

Naturalmente, a situação das casas de ópio no Rio de Janeiro da virada do século XIX ao XX era bastante diversa à dos palácios de gin no Reino Unido do início do XIX. Segundo Sant’Ana (2013, p. 13-14),

O ópio e a cocaína eram consumidos sem maiores cerimônias. Inspirados pelos romances literários europeus, os ricos da alta sociedade também queriam ter as mesmas experiências que os seus escritores preferidos e badalados da época. A cocaína, a morfina e o ópio eram vendidos nas farmácias e os chineses consumiam ópio em casebres insalubres do centro da cidade.

Sem a criminalização das drogas como a conhecemos na contemporaneidade, substâncias psicoativas diversas podiam ser utilizadas de forma relativamente livre. Entretanto, as casas de ópio eram associadas à miséria e ao decadentismo, como sugere João do Rio ao relacionar o ambiente das casas de ópio com uma “nevrose de crime” (Rio, 2008, p. 106).

---

sold by any householder who paid two guineas to the Excise. Within six months there were more than 24,000 new beer sellers and over the next five years 40,000 new pubs appeared.”

<sup>29</sup> Original: “Wine, brandy and whiskey, of course, were drunk by the middle class, gin by the working class.”

A exemplo, na crônica, é sugerida uma distinção social entre o éter, que seria um “vício da aristocracia”, do ópio, mais “brutal” (Rio, 2008, p. 103) – e, por um processo de oposição, uma droga relacionada à pobreza. De qualquer forma, a relação da sociedade carioca em suas diferentes classes com as “drogas” era certamente diferente da que temos hoje: “Nos anos em que o Rio foi a Paris dos trópicos, não se olhava a droga como nociva e nem se tinha esse cuidado ao experimentá-la, pois na época as pessoas simplesmente não sabiam exatamente os perigos e os efeitos do uso desta ou daquela substância específica” (Sant’Ana, 2003, p. 18).

Os chineses, nacionalidade dos personagens que aparecem na crônica de João do Rio, por sua vez, tinham um histórico próprio com a droga. A relação era resultante das Guerras do Ópio entre a China e a Inglaterra nos períodos de 1839-1842 e 1856-1860, motivadas pelo interesse dos ingleses em disseminar a substância para um novo mercado consumidor (Sant’Ana, 2003, p. 21). Ao contrário dos palácios de gin, únicos no contexto histórico da competição com o mercado de cerveja no Reino Unido, casas de ópio existiam em diversos lugares ao redor do mundo – inclusive em Londres, como representado no último romance de Dickens, *O Mistério de Edwin Drood* (1870).

A partir do panorama histórico e cultural amplo dos palácios de gin no Reino Unido da década de 1830 e das casas de ópio entre o século XIX e início do XX, o trabalho prossegue ao cotejo das respectivas crônicas, “Gin-shops” de Charles Dickens e “Visões d’Ópio” de João do Rio.

## 5.2 ANÁLISE COMPARATIVA

### 5.2.1 Aberturas e contrastes

É uma circunstância deveras extraordinária, que profissões diversas parecem tomar parte daquela doença – a qual elefantes e cachorros são especialmente suscetíveis – e correr rígidos, os olhos arregalados, em loucos delírios, periodicamente<sup>30</sup> (Dickens, 1905, p. 167).

— Os comedores de ópio? (Rio, 2008, p. 103)

As frases acima abrem, respectivamente, “Gin-shops” e “Visões d’Ópio” e sugerem de imediato uma distinção entre as duas crônicas. Analisando a abertura de Dickens de forma descontextualizada, o assunto do texto demonstra-se opaco, característica que é mantida ao

---

<sup>30</sup> Original: “[t] is a very remarkable circumstance, that different trades appear to partake of the disease to which elephants and dogs are especially liable, and to run stark, staring, raving mad, periodically.”

longo do parágrafo. O hábito de beber gin é referenciado apenas indiretamente, apesar de já haver o emprego de palavras-chave importantes para compor o retrato da opinião engendrada sobre o hábito, como *disease* [doença] e *contagion* [contágio]. Será apenas no terceiro parágrafo que o texto trará a palavra “gin”<sup>31</sup>, enquanto nesse primeiro, o narrador se limita a uma introspecção abstrata que apenas sugere a temática da crônica.

Em oposição, a primeira frase de João do Rio basicamente resume sobre o que se trata o texto: “comedores de ópio” – uma provável referência a *Confissões de um Inglês Comedor de Ópio*, de Thomas Quincey (1821). Ademais, a fala, expressa pelo narrador, também demonstra a aproximação desse com as cenas descritas, em mais um contraste com o narrador dickensiano. No parágrafo seguinte, é realizada uma rica descrição da cena “às seis da tarde, defronte do mar”, “em Santa Luzia, defronte da Misericórdia”, onde se encontram o narrador e uma figura identificada como seu “amigo” (Rio, 2008, p. 103). Há, portanto, uma localização espacial ausente na introdução de Dickens, assim como a presença de um outro personagem que acompanha o narrador e com quem esse constrói um diálogo. O narrador de “Gin-shops”, por outro lado, se manterá solitário e distante, mesmo quando adentra o palácio de gin, se limitando a recontar falas entrecortadas de outros personagens com quem ele não interage diretamente.

Como mencionado, o narrador de João do Rio descreve aqui uma cena rica, em uma “tarde maravilhosa”. A paisagem do Rio de Janeiro é apresentada belamente, porém com uma intromissão, a motivação para o narrador e seu amigo estarem naquele ponto da cidade: “tínhamos ido ver um pobre rapaz, eterômano, encontrado à noite com o crânio partido numa noite qualquer” (Rio, 2008, p. 103). O simbolismo da morte permeará toda a crônica, mas em um primeiro momento parece ter pouco efeito no narrador, que não se preocupa em explicar o caso do “rapaz eterômano” e simplesmente continua sua descrição de maravilhamento:

A aragem rumorejava em cima a trama das grandes mangueiras folhudas, dos tamarindeiros e dos flamboyants, e a paisagem tinha um ar de sonho. Não era a praia dos pescadores e dos vagabundos tão nossa conhecida, era um trecho de Argel, de Nice, um panorama de visão sob as estrelas doiradas (Rio, 2008, p. 103).

A coexistência de elementos contrastantes é uma característica importante de ambas as crônicas. Aqui, temos o exemplo do simbolismo da morte em meio a uma descrição de beleza

---

<sup>31</sup> “Then, ingenuity is exhausted in devising attractive titles for the different descriptions of *gin*” [Enfim, esgota-se a criatividade para inventarem nomes atraentes para os diferentes tipos de *gin*] (Dickens, 1905, p. 169; ênfase minha).

e maravilhamento que transportam o narrador do Rio de Janeiro para as praias francesas<sup>32</sup>. Existe, de forma similar, uma forte contraposição entre a existência dos palácios de gin e das casas de ópio dentro dessas grandes cidades cosmopolitas, capitais de seus respectivos países. Segundo Rodrigues (2010, p. 64), “O maniqueísmo entre a luz e a treva, a razão e o desejo, passa a ser um d[os] temas favoritos [de João do Rio.]”, “existe também o movimento [...] que evita o fascínio das luzes multicoloridas para procurar o mistério da escuridão”. Tal descrição também pode ser empregada para caracterizar a escrita de Dickens.

Em todo caso, ambos os textos apresentam introduções que antecedem um movimento de deslocamento do narrador em direção ao lugar de uso da substância. Em “Gin-shops”, esse movimento ocorre no quarto parágrafo – após a introspecção inicial mencionada, seguida de um breve histórico sobre os palácios de gin e uma descrição de sua estética – a partir de:

seguiremos para Drury-lane, através das ruas estreitas e dos pátios sujos que a separam de Oxford-street, e então para aquele ponto clássico adjacente à cervejaria no fim de Tottenham-court-road, melhor conhecido para os iniciados como “Rookery” (Dickens, 1905, p. 169).<sup>33</sup>

A precisão cartográfica de Dickens é reproduzida por João do Rio, não apenas ao localizar-se inicialmente em “Santa Luzia defronte da Misericórdia”, como também ao deslocar-se com seu amigo para a primeira casa de ópio a ser visitada. Note-se que o inglês não inventa qualquer subterfúgio para visitar os palácios de gin, afinal, eram locais públicos que objetivavam justamente atrair o maior número de clientes possível. O oposto era verdade para as casas de ópio, que, como já discutido, existiam de forma marginalizada e tentavam não chamar a atenção para as atividades ali realizadas. Por esse motivo, o amigo (na figura de um guia virgiliano) elabora uma (aparentemente falsa) justificativa para a entrada deles nesses ambientes: eles estariam interessados em vender ópio. Seguem, então, para sua primeira parada, nomeando as ruas como fizera Dickens: “Caminhávamos pela rua da Misericórdia”, “O meu amigo dobrou uma esquina. Estávamos no beco dos Ferreiros”<sup>34</sup> (Rio, 2008, p. 105). Mais

---

<sup>32</sup> Lembremos que até 1962 a Argélia era território da França.

<sup>33</sup> Original: “we will make for Drury-lane, through the narrow streets and dirty courts which divide it from Oxford-street, and that classical spot adjoining the brewery at the bottom of Tottenham-court-road, best known to the initiated as the ‘Rookery.’”

*Rookery* refere-se a uma parte pobre de determinada cidade, próximo do que chamamos de “favela”. Os nomes das vias se mantêm até a atualidade, localizadas no centro de Londres, ao norte do Rio Tâmsa.

<sup>34</sup> A referência é ao extinto bairro da Misericórdia que existia ao redor do Morro do Castelo que, por sua vez, foi demolido. A narrativa localiza-se, portanto, onde hoje é o Centro histórico.

adiante, há uma exatidão maior ainda com os endereços das duas casas, “n° 19 do beco dos Ferreiros” e “rua D. Manuel n° 72” (Rio, 2008, p. 105, 107).

Nesse ponto, há um parágrafo em cada texto que, confrontados, apresentam similaridades chamativas. Observemos:

A aparência imunda e miserável dessa parte de Londres mal pode ser imaginada por aqueles (e há muitos) que não a testemunharam. Casas lamentáveis com janelas quebradas, cobertas com panos e papel: todo cômodo arrendado para uma família diferente e, em muitos casos, para duas ou até mesmo três; fabricantes de frutas e de ‘gêneros doces’ nos porões, barbeiros e vendedores de peixe nas entradas e sapateiros nos fundos; um criador de pássaros no primeiros andar, três famílias no segundo, fome nos sótãos, irlandeses nos corredores; um ‘músico’ na cozinha da frente e uma faxineira com cinco crianças famintas na de trás – sujeira em toda parte – uma vala na frente das casas e um ralo atrás – nas janelas, roupas secando e lixo sendo despejado: meninas de catorze ou quinze anos com cabelo emaranhado andando descalças vestindo casacões brancos, praticamente sua única peça de roupa; meninos de todas as idades, com casacos de todos os tamanhos ou casaco nenhum; homens e mulheres, com toda sorte de trajes parcos e sujos, fazendo nada, reclamando, bebendo, fumando, discutindo, brigando e xingando (Dickens, 1905, p. 169-171).<sup>35</sup>

O meu amigo dobrou uma esquina. Estávamos no beco dos Ferreiros, uma ruela de cinco palmos de largura, com casas de dois andares, velhas e a cair. A população desse beco mora em magotes em cada quarto e pendura a roupa lavada em bambus nas janelas, de modo que a gente tem a perene impressão de chitas festivas a flamular no alto. Há portas de hospedarias sempre fechadas, linhas de fachadas tombando, e a miséria besunta de sujo e de gordura as antigas pinturas. Um cheiro nauseabundo paira nessa ruela desconhecida (Rio, 2008, p. 104).

Primeiramente, observemos as diferenças. Estruturalmente, o parágrafo de “Visões d’Ópio” distingue-se por ser consideravelmente menor (91 palavras contra 182 do original em inglês, exatamente a metade) e por apresentar uma divisão regular de frases. Enquanto isso, o de “Gin-shops” é formado por duas frases apenas, a segunda das quais ocupa quase o parágrafo

---

<sup>35</sup> Original: “The filthy and miserable appearance of this part of London can hardly be imagined by those (and there are many such) who have not witnessed it. Wretched houses with broken windows patched with rags and paper: every room let out to a different family and in many instances to two or even three; fruit and ‘sweet-stuff’ manufacturers in the cellars, barbers and red-herring venders in the front parlours, and cobblers in the back; a bird-fancier in the first floor, three families on the second, starvation in the attics, Irishmen in the passage; a ‘musician’ in the front kitchen, and a charwoman and five hungry children in the back one – filth every where – a gutter before the houses and a drain behind them – clothes drying and slops emptying from the windows: girls of fourteen or fifteen with matted hair walking about barefooted, and in white great-coats, almost their only covering; boys of all ages, in coats of all sizes and no coats at all; men and women, in every variety of scanty and dirty apparel, lounging, scolding, drinking, smoking, squabbling, fighting, and swearing.”

inteiro. Uma análise do conteúdo, porém, demonstra pontos de contato importantes – como a função dos dois fragmentos de descrever a região ao redor do lugar que está sendo visitado.

Na crônica de Dickens, as palavras *filth* [sujeira; imundície] e *misery* [miséria] ocupam um lugar de destaque<sup>36</sup>, aqui adjetivadas em *filthy* e *miserable*, e a mesma relação é construída por João do Rio ao escrever “e a *miséria* besunta de *sujo* e de gordura as antigas pinturas” (ênfase minha). Outrossim, comparemos os seguintes fragmentos: “todo cômodo arrendado para uma família diferente e, em muitos casos, para duas ou até mesmo três” e “A população desse beco mora em magotes em cada quarto”. Temos a expressão da mesma ideia com palavras diferentes, de um alto número de pessoas em poucos cômodos ou quartos – note-se que o original *room* pode ser traduzido igualmente como “quarto”, de forma que a tradução “todo quarto arrendado” também seria válida. E, ainda: “roupas secando [...] nas janelas”<sup>37</sup> e “a roupa lavada em bambus nas janelas”; observamos aqui uma correspondência quase exata não só de conteúdo, mas na própria escolha lexical.

Existe, decerto, uma diferença importante ainda na catalogação dickensiana, de todo ausente na descrição de João do Rio. É possível observar uma experimentação do autor inglês que o aproximaria do gênero da ficção em prosa, uma vez que ele descreve de forma aparentemente onisciente diversos tipos de personagens aos quais, da forma que a crônica é narrada, ele não teria tido acesso direto. Em outras palavras, ele está exercitando sua ficcionalização – mesmo que possivelmente baseada em experiências pessoais pregressas – de um modo que não observamos na crônica de João do Rio.

Em relação ao caráter contrastivo das crônicas, embora semelhante, esse também apresenta certas distinções. O texto do inglês contrasta a cena mencionada anteriormente com o aspecto de luxo e grandiosidade do palácio de gin que se localiza logo após, chamando atenção para a mudança em “Você vira a esquina, que mudança! Tudo é luz e brilho” (Dickens, 1905, p. 171).<sup>38</sup> Esse movimento não ocorre na crônica carioca, em que existe na realidade uma continuidade da atmosfera de decadência desde as ruas para dentro das casas de ópio. O

---

<sup>36</sup> O par *filth* e *misery* aparece junto duas vezes, ou três se contarmos os sinônimos *dirt* [sujeira] e *poverty* [pobreza] (ênfases minhas):

(1) “Although places of this description are to be met with in every second street, they are invariably numerous and splendid, in precise proportion to the *dirt* and *poverty* of the surrounding neighbourhood.”

(2) “There is more of *filth* and squalid *misery* near those great thoroughfares than in any part of this mighty city.”

Em terceiro (3) temos a citação anterior.

<sup>37</sup> Na tradução do parágrafo inteiro acima, inverti a posição de “nas janelas” por uma questão de compreensibilidade da frase, mas aqui restauro a sintaxe original em função da análise textual.

<sup>38</sup> Original: “You turn the corner, what a change! All is light and brilliancy.”

contraste aqui se configura pela contraposição da cena de maravilhamento no início – e, também, na frase derradeira, como será visto adiante. É importante observar, contudo, que a aparência “esplendorosa” dos palácios de gin para Dickens é meramente superficial e distingue-se das consequências deletérias do vício etílico que esses promovem. Por fim, vale reforçar a configuração implícita do contraste entre esses locais de vício e a imponência das cidades em cujos centros eles se localizam, sugerido pela impressão do carioca: “esse fervilhar de vício, de ninguém ainda suspeitado” (Rio, 2008, p. 107)

### 5.2.2 A intoxicação da narrativa / do narrador

O narrador dickensiano dá prosseguimento, então, a uma descrição pormenorizada – característica comum do autor – do exterior e do interior do palácio de gin (Dickens, 1905, p. 171). Em seguida, narra a dinâmica de alguns personagens do ambiente, que progride para um momento de confusão generalizada no penúltimo parágrafo, em um movimento de mimese da narrativa com o efeito crescente e acumulativo do álcool (Dickens, 1905, p. 171-172). Essa progressão se inicia com uma interação relativamente cordial entre duas senhoras e as duas jovens moças que servem as bebidas, seguida de uma tentativa frustrada de flerte de um jovem rapaz com essas últimas, até dois homens mais velhos que se embebedam rapidamente. “Está ficando tarde”<sup>39</sup> e os clientes vão ficando cada vez mais embriagados, “criaturas gélidas e de aparência miserável, no último estágio da emaciação e da doença”<sup>40</sup>, até a situação evoluir para uma troca de ameaças e agressões, levando ao envolvimento da polícia. Por sua vez, o narrador se mantém categoricamente sóbrio, sem qualquer indício de participação no consumo etílico, o que é evidenciado no último parágrafo, em que é realizada uma contemplação do fenômeno do vício ao gin em sua dimensão socioeconômica.

Em “Visões d’Ópio”, por sua vez, o narrador e seu guia adentram uma casa de ópio sob o subterfúgio de estarem vendendo a substância. Um dos dois (não é explicitado quem), anuncia: “Chego de Londres, com um quilo de ópio, bom ópio”<sup>41</sup> (Rio, 2008, p. 105). A dupla se encaminha então para a casa de ópio no nº 19 do beco dos Ferreiros e, após, para aquela na rua D. Manuel nº 72. A interação com os consumidores de ópio, todos chineses, é direta, com

<sup>39</sup> Original: “It is growing late”.

<sup>40</sup> Original: “cold, wretched-looking creatures, in the last stage of emaciation and disease”.

<sup>41</sup> O anúncio “Chego de Londres” aparenta uma “piscada de olho” se entendermos que João do Rio leu “Gin-shops”. De qualquer forma, o uso da substância era comum em Londres, como evidenciado pela presença da figura da casa de ópio no último romance de Dickens como mencionado anteriormente, sem contar o contexto histórico das Guerras do Ópio entre Inglaterra e China.

breves diálogos, encabeçadas pelo “amigo” do narrador. Em oposição a Dickens, o narrador de do Rio apresenta reações muito mais emotivas quanto a tudo que presencia, em uma progressão similar à intoxicação pela droga. Existe, logo, uma similaridade com o recurso empregado pelo cronista londrino, mas que, em vez de se localizar na forma da narrativa, manifesta-se no próprio narrador.

Façamos um breve adendo para uma análise das alterações perceptivas no narrador de “Visões d’ópio”. Como descrito, o narrador é guiado por seu amigo à primeira casa de ópio no nº 19 do beco dos Ferreiros (Rio, 2008, p. 104-106). Ao contrário das chamativas *gin-shops*, é necessário que eles entrem de “esguelha”, após uma interação com um homem chinês desconfiado da dupla. Os sentidos do narrador começam a ser prejudicados pela visão, devido à falta de claridade: “Há uma vasta sala estreita e comprida, inteiramente em treva. A atmosfera pesada, oleosa, quase sufoca. [...] A custo, os nossos olhos acostumam-se à escuridão” (Rio, 2008, p. 105). O acostumar-se à escuridão indica um processo de ambientação e, assim, de identificação do narrador com o ambiente.

Parece também haver uma certa analogia com o Inferno dantesco, na medida em que o narrador é guiado para uma espécie de submundo que principia com uma escuridão – em Dante (Alighieri, 1997), a *selva oscura* [selva escura/obscura] logo no segundo verso do Canto I do *Inferno*. A função do “amigo” é reforçada na crônica pela repetição da palavra “guia”, que aparece um total de quatro vezes. Ademais, o escritor italiano é mencionado diretamente por João do Rio em “A galeria superior”<sup>42</sup>, não restando qualquer dúvida sobre seu conhecimento do poema. Analogamente, na crônica penitenciária, outro guia, o capitão responsável, direciona o narrador ao “submundo” da Casa de Detenção. Assim como na primeira parte d’*A Divina Comédia*, a viagem ao universo dos opiômanos exige adentrar mais profundamente nesse submundo; como veremos, a primeira casa representa o “começo” da intoxicação, que é mais acentuada na segunda. Nessa última, explica o guia, “as *fumeries* tomam proporções infernais” (Rio, 2008, p. 107), em mais uma aparente referência ao poema épico.

A descrição do interior da primeira casa prossegue com uma atmosfera macabra, habitada por “corpo[s] amarelo[s], nu[s] da cintura para cima”, adquirindo progressivamente um aspecto onírico: “os corpos movem-se como larvas de um pesadelo” (Rio, 2008, p. 105-106). Apesar da escuridão, do “cheiro inenarrável” e da repulsa apresentada, o narrador conta exatamente “15 caras estúpidas”. O número poderia ser uma mera estimativa de pouca importância, mas é repetido em “E as caras continuam emplastradas pelo mesmo sorriso de

---

<sup>42</sup> “Passear pelas galerias era passear como o Dante pelos círculos do Inferno” (Rio, 2008, p. 206).

susto e de súplica, multiplicado em 15 beijos amarelos, em 15 dentaduras nojentas, em 15 olhos de tormento!” A obsessão pelo número exato indica uma tentativa do narrador de retomar o controle perdido nesse ambiente de confusão dos sentidos. No parágrafo imediatamente anterior, temos:

Sinto náuseas e ao mesmo tempo uma nevrose de crime. A treva da sala torna-se lívida, com tons azulados. Há na escuridão uma nuvem de fumo e as bolinhas pardas, queimadas à chama das candeias, põem uma tontura na fumaça, dão-me a imperiosa vontade de apertar todos aqueles pescoços nus e exangues, pescoços viscosos de cadáver onde o veneno gota a gota dessora (Rio, 2008, p. 106).

Aqui a percepção do narrador passa por evidentes modulações, atravessadas pelo sentimento de náusea e de neurose. A referência à “nuvem de fumo” parece explicitar um consumo – mesmo que indireto – da substância por parte do narrador, tendo como efeito a tontura e a “vontade de apertar todos aqueles pescoços”. O desejo assassino contra os usuários do ópio parece injustificado, uma vez que aparentam estar em um estado de estupor e letargia, marcados pelo medo e pela desconfiança contra a dupla invasora. Realmente, são eles que pedem que os dois saiam do quarto: “— Senhor, pode ir, pode ir? Nós vamos deitar; pode ir? — suplica Tchang” (Rio, 2008, p. 106) O narrador e seu amigo deslocam-se mais uma vez, após a explicação do guia (novamente com precisão acerca do endereço):

— Este é o primeiro quadro, o começo. Os chins preparam-se para a intoxicação. Nenhum deles tinha uma hora de cachimbo. Agora, porém, em outros lugares devem ter chegado ao embrutecimento, à excitação e ao sonho. Tenho duas casas no meu booknotes, uma na rua da Misericórdia, onde os celestes se espancam, jogando o monte com os beijos rubros de mastigar folhas de bétel, e à rua D. Manuel n.o 72, onde as fumeries tomam proporções infernais.

O “primeiro quadro” dos efeitos do uso de ópio espelha ainda o “último estágio de emaciação e doença”<sup>43</sup> (Dickens, 1905, p. 172) em “Gin-shops” – a inversão sugere a diferença de tratamento dos autores com suas respectivas crônicas, o que será retomado adiante. Ao mesmo tempo, o fragmento “ao embrutecimento, à excitação e ao sonho” apresenta uma similaridade importante com “emaciação e doença”.

À medida em que a dupla adentra mais profundamente nesse submundo das casas de ópio do Rio de Janeiro, a intoxicação do narrador parece se acentuar, considerando as suas

---

<sup>43</sup> Original: “the last stage of emaciation and disease.”

descrições de náusea e delírio – condizentes com os efeitos da droga. “Antes de entrar é violenta a minha repulsa”, descreve o narrador, indicando a sensação de enjoo, antes de entrar na casa com “cerca de dez chins” (Rio, 2008, p. 108). Chama a atenção aqui a menor precisão em relação ao número 15 reportado na primeira experiência, apesar de que, logicamente, seria mais fácil contar um número menor. Essa imprecisão também indica um retardamento dos sentidos do narrador.

Próximo ao final da crônica, nessa casa com os (cerca de) dez usuários de ópio, o narrador e seu amigo são abordados por três deles, que estão “no período da excitação alegre” (Rio, 2008, p. 108). O amigo enfim revela a amostra de ópio – surpreendentemente, considerando que ao falar das amostras originalmente ele dera a entender que era um mero subterfúgio, como fora a invenção de que o narrador “veio de Londres, tem um quilo, cerca de seiscentos gramas de ópio de Bombaim” (Rio, 2008, p. 104). A crônica encerra-se com uma confusão (como havia acontecido em Dickens, mas de ordens diferentes) envolvendo os usuários em seu “delírio” (Rio, 2008, p. 109-110). Uma das últimas passagens do texto, porém, aponta para o delírio acentuado do próprio narrador:

Não posso mais. Câimbras de estômago fazem-me um enorme desejo de vomitar. Só o cheiro do veneno desnorteia. Vejo-me nas ruas de Tien-Tsin, à porta das cagnas, perseguido pela guarda imperial, tremendo de medo; vejo-me nas bodegas de Singapura, com os corpos dos celestes arrastados em djinrickchas, entre malaias loucos brandindo kriss assassinos! Oh! o veneno sutil, lágrima do sono, resumo do paraíso, grande Matador do Oriente! Como eu o ia encontrar num pardieiro de Cosmópolis, estraçalhando uns pobres trapos das províncias da China! (Rio, 2008, p. 109-110).

Esse delírio o transporta para a Ásia – de forma paralela como ocorrera para a Europa na abertura da crônica, mas agora de forma descontrolada e com uma conotação negativa – em meio a fantasias e náuseas, além da repetição da ideia de assassinato. A morte é apresentada de imediato no início, com a menção ao “rapaz eterômano [...] com o crânio partido” (Rio, 2008, p. 103), cujo destino fatal não é explicado, mas que abre margem para a presunção de um homicídio. O desejo mórbido de testemunhar essa cena é traduzido nos pensamentos repetitivos do narrador sobre a morte de um dos chineses usuários de ópio por meio de estrangulamento ou esfaqueamento do pescoço. A imagem grotesca é repetida três vezes: (1) “Há na escuridão uma nuvem de fumo e as bolinhas pardas, queimadas à chama das candeias, põem uma tontura na fumaça, dão-me a imperiosa vontade de apertar todos aqueles pescoços nus”; (2) “Um deles, a cabeça pendente, a língua roxa, as pálpebras apertadas, ronca estirado, e o seu pescoço amarelo e longo, quebrado pela ponta da mesa, mostra a papeira mole, como à espera da lâmina

de uma faca”; (3) “Os chins curvam o dorso, mostram os pescoços compridos, como se os entregassem ao cutelo” (Rio, 2008, p. 106, 108, 109). A obsessão por essa imagem homicida relaciona-se com a intoxicação do narrador, mas, também, com um processo de desumanização dos personagens objetos de contemplação, o que será discutido mais atentamente a seguir.

Por fim, o narrador encerra a crônica “ca[indo] de bruços” (Rio, 2008, p. 110), de forma análoga aos usuários de ópio que, ao terem se levantado anteriormente para cumprimentar a dupla após entrarem nessa segunda casa, “tombam indiferentes” (Rio, 2008, p. 108). Dessa forma, a identificação do narrador é com a própria intoxicação, não com os intoxicados, com os quais ele traça um distanciamento por toda a crônica.

### 5.3.3 A postura do narrador e outros apontamentos

O posicionamento do narrador de Dickens e de João do Rio para com seus personagens nas duas crônicas é notadamente diferente. Mas há uma semelhança; apesar da possível interpretação de que o narrador de “Visões d’Ópio” tenha participado da intoxicação ao longo da crônica, ele se coloca necessariamente como estrangeiro nos lugares visitados, assim como o faz o de “Gin-shops”. Entretanto, se em Dickens há uma preocupação com o bem-estar social dos vitimados pelo vício de gin (que ele considera uma doença), em João do Rio aparentemente há apenas um fascínio pelo exótico. O distanciamento social construído entre narrador e personagens é menor na narrativa do palácio de gin do que em relação à das casas de ópio (apesar de, inversamente, ser o narrador carioca que interage diretamente com seus personagens), uma vez que essa última reitera redundantemente o fato dos usuários serem “chins”. Enquanto Dickens reconhece o problema dos palácios como próprio da Inglaterra, o narrador de João do Rio entende que aquela experiência é necessariamente estrangeira, um portal para a Ásia dentro do Rio de Janeiro.

Contudo, existem nessas diferentes posturas outras aproximações, como a animalização dos bebedores de gin e dos comedores de ópio. Na primeira frase de sua crônica, o inglês compara o vício com a “doença” dos elefantes e dos cães (Dickens, 1905, p. 167). A referência aos caninos, evidentemente, refere-se à raiva (ou hidrofobia), mas a primeira merece uma explicação mais detalhada. Em 1826 (quando Dickens tinha 14 anos), Chuneer, um conhecido elefante em Londres utilizado em diversas atrações como forma de entretenimento, “enlouqueceu” e matou uma de suas “cuidadoras” (Ketabgian, 2003, p. 665). O fato deixou uma forte impressão em Dickens, que também traz a figura do elefante em seu romance *Tempos Difíceis* (1854). A referência à “periodicidade” ou “regularidade” da loucura animal relaciona-

se com uma interpretação da época de que os animais teriam um modo de funcionamento próximo ao das máquinas, em oposição ao psiquismo humano (Ketabgian, 2003, p. 650). A comparação animal – acrescida da crítica de irregularidade da loucura própria aos humanos – inferioriza, de certa forma, a conduta dos adictos ao consumo de gin, embora adiante Dickens argumente de forma sensível que se trata de um problema de ordem social (1905, p. 172-173).

O recurso da animalização repete-se e expande-se em “Visões d’Ópio”. Aparece na crônica do carioca a mesma imagem do cão enraivecido, porém em referência a um indivíduo específico e ilustrado mais explicitamente: “um cão gordo, sem cauda, um cão que mostra os dentes, espumando” (Rio, 2008, p. 108). Além da referência ao símbolo canino, mais três animais são mencionados em comparação com os usuários de ópio (ênfases minha): (1) “os corpos movem-se como *larvas* de um pesadelo”; (2) “— Ah! isso, lá em cima, sala da frente. Os *porcos* estão se opiando. / Vamos aos *porcos*.”; (3) “os braços tão estranhos e tão molemente mexidos naquele ambiente [...] como se os tentáculos de um *polvo* estivessem movendo na escuridão de uma caverna” (Rio, 2008, p. 106, 108, 109). As imagens das larvas e dos porcos está diretamente relacionada à ideia de sujeira, enquanto a do polvo (no singular) transmite a percepção de que os opiômanos na cena teriam perdido sua individualidade em meio à “escuridão” do uso da substância. O apagamento da singularidade dos personagens também ocorre no caráter genérico de seus nomes, quando mencionados; “João e Afonso são dois nomes habituais entre os chins ocidentalizados”, afirma o narrador (Rio, 2008, p. 104).

Essas metáforas animais carregam necessariamente uma conotação negativa, insinuando que os usuários foram despidos de sua humanidade. De fato, o movimento é análogo ao desnudamento de suas próprias vestes – outra característica animal, não usar roupas –, uma vez que na primeira casa os usuários são descritos como “nu[s] da cintura para cima” e, na segunda, “Os chins estão inteiramente nus” (Rio, 2008, p. 106, 108). Ao contrário do narrador de Dickens, o de João do Rio não apresenta qualquer empatia para com os opiômanos, na verdade fantasiando seu assassinato, como discutido anteriormente.

Outro ponto de interesse que denuncia a atitude dos respectivos narradores em relação aos seus personagens é o registro do vernáculo dos mesmos. Em “Gin-shops”, há a transcrição de algumas falas de uns poucos personagens, clientes do palácio de gin visitado, em que aparece o *Cockney accent* [sotaque cockney], geralmente atribuído à classe trabalhadora e média-baixa de Londres. Temos: “one of them soft biscuits”<sup>44</sup> – pronome oblíquo (*them*) sendo utilizado

---

<sup>44</sup> Literalmente, “um ‘deles’ biscoitos macios”.

como demonstrativo (em lugar de *those*); “Jist be good enough”<sup>45</sup> – *jist* como pronúncia alternativa de *just* [apenas]. Ainda: “kervorten and a three-out glass”<sup>46</sup> (Dickens, 1905, p. 171) – *kervorten* é uma pronúncia cockney para *quartern* (um quarto de libra, aproximadamente 113,4g) e *three-out glass* é uma gíria para um copo cujo volume é um terço do *quartern* (Camden-Hotten, 2020).<sup>47</sup> Ademais: “all the Marys as ever I see, was handsome gals”<sup>48</sup> – uso do tempo *present simple* (“I see”) em lugar de *present perfect* (“I have seen”); o deslocamento do advérbio *ever* [já/jamais] anterior ao sujeito (“I have ever seen”); a não-concordância do verbo *was* singular com “all the Marys”; e *gals* como pronúncia de *girls* [meninas]. Por fim: “as good people’s wery scarce, what I says is”<sup>49</sup> (Dickens, 1905, p. 172) – pronúncia de *very* [muito] iniciando com uma semivogal u (*wery*) no lugar da consoante v, além da flexão do verbo na terceira pessoa (*sees*), em discordância com o pronome na primeira (“I say”). Essas variações linguísticas, que contrastam agudamente com o registro formal do narrador, evidenciam o pertencimento dos personagens, clientes do palácio de gin, à classe trabalhadora. Note-se, porém, que a anotação de expressões e variações do sotaque cockney são marcas da escrita de Dickens que o acompanharão em seus romances posteriores, de forma que não devem ser interpretadas como tendo uma conotação pejorativa (Stewart, 2006, p. 138).

O registro de variações linguísticas também ocorre em “Visões d’Ópio”, presumivelmente devido à origem chinesa dos personagens. Entretanto, elas não são tão elaboradas quanto àquelas da crônica dickensiana, limitando-se a não-concordância de algumas flexões verbais (e.g., “Não compreende”; Rio, 2008, p. 105), além da ausência de alguns complementos verbais (e.g., “Dá a amostra... não tem dinheiro... deixa a amostra!”; Rio, 2008, p. 109). A característica mais marcante é, na realidade, o laconismo das falas. Em todo caso, como essas variações são apresentadas superficialmente na crônica, não fica evidente se elas são, necessariamente, pejorativas, mas apontam de toda forma para mais uma característica de diferenciação (e distanciamento) em relação ao narrador – e, por consequência, o leitor.

Por fim, os encerramentos das duas crônicas apresentam mais diferenças entre si. Ambas as narrativas terminam com uma cena de confusão; no palácio de gin, “uma cena de revolta e

<sup>45</sup> Expressão para um pedido gentil.

<sup>46</sup> Tradução: “uma medida de um quarto e um copo de três doses”.

<sup>47</sup> Em outras palavras, o cliente estava pedindo um “quarto” de gin para beber em três doses.

<sup>48</sup> Literalmente “todas as Marys que eu já ‘vejo’ era meninas bonita” (conservo aqui o tempo presente do verbo “vejo” apenas para destacar o fenômeno da troca de tempos verbais mencionado, bem como uma variação linguística similar nas três últimas palavras).

<sup>49</sup> Literalmente, “como boa gente são muito raras, o que eu ‘diz’ é” (mantendo aqui a discordância verbal no início, além da discordância da flexão verbal no final; esse último apenas para chamar atenção novamente para o fenômeno, uma vez que não é algo comum em variações do português).

confusão se segue”<sup>50</sup> (Dickens, 1905, p. 172), envolvendo os clientes (inebriados) do estabelecimento. Entre agressões físicas e o trancamento de portas, a polícia aparece e a narrativa propriamente é finalizada: “Alguns do grupo são carregados para a estação de polícia e o restante esgueiram-se para casa para bater em suas mulheres por reclamarem e chutar os filhos por ousarem sentir fome”<sup>51</sup> (Dickens, 1905, p. 172). Contudo, a crônica não se encerra nesse momento, contando com mais um parágrafo, em que é realizada uma reflexão sobre a adição ao gin no país:

O consumo de gin é um grande vício na Inglaterra, mas a pobreza é um problema ainda maior; e até que você consiga curá-la, ou persuadir um infeliz morrendo de fome a não buscar alívio no olvido temporário de sua própria miséria, com a ninharia que, se partilhada com sua família, só daria para um pedaço de pão para cada, os palácios de gin crescerão em número e em esplendor. Se as Sociedades de Temperança<sup>52</sup> pudessem sugerir um antídoto contra a fome e o sofrimento, ou estabelecer dispensários para a distribuição gratuita de garrafas de água de Lete, os palácios de gin estariam incluídos entre as coisas que se passaram. Até lá, haverá apenas desespero pela sua diminuição (Dickens, 1905, p. 173).<sup>53</sup>

Em um gesto de sensibilidade com as camadas menos abastadas da sociedade, Dickens encerra sua crônica reconhecendo a origem social do problema do abuso de gin na Inglaterra. Em contraposição, a crítica social, presente em diversos outros textos de João do Rio, não aparece de forma acentuada em “Visões d’Ópio”. O texto sobre as casas de ópio fecha, após a queda (metafórica e literal) do narrador, com a frase “Fora, as estrelas recamavam de oiro o céu de verão...” (Rio, 2008, p. 110), retomando a descrição da cidade feita na abertura e reforçando o tema do contraste que permeia a crônica.

Nos detenhemos ainda a mais um ponto de contato nessas palavras finais. Na penúltima frase de “Gin-shops”, Dickens faz uma comparação do gin com *Lethe-water* [água de Lete]. A referência é ao Rio Lete, um rio do Hades na mitologia grega antiga, cujo nome (λήθη [*léthe*]) significa literalmente “esquecimento”. A metáfora é relativamente similar a uma das descrições

---

<sup>50</sup> Original: “a scene of riot and confusion ensues”.

<sup>51</sup> Original: “Some of the party are borne off to the station-house, and the remainder slink home to beat their wives for complaining, and kick the children for daring to be hungry.”

<sup>52</sup> O movimento da temperança defendia a abstenção do consumo de bebidas alcoólicas.

<sup>53</sup> Original: “Gin-drinking is a great vice in England, but poverty is a greater; and until you can cure it, or persuade a half-famished wretch not to seek relief in the temporary oblivion of his own misery, with the pittance which, divided among his family, would just furnish a morsel of bread for each, gin-shops will increase in number and splendour. If Temperance Societies could suggest an antidote against hunger and distress, or establish dispensaries for the gratuitous distribution of bottles of Lethe-water, gin-palaces would be numbered among the things that were. Until then, their decrease may be despaired of.”

de João do Rio sobre o ópio em um de seus últimos parágrafos (ênfase minha): “o veneno sutil, *lágrima do sono*, resumo do paraíso, grande Matador do Oriente!” (Rio, 2008, p. 110) A relação do esquecimento e o sono foi apontada pelos gregos e romanos, como descrito pelo poeta romano Ovídio em suas *Metamorfoses* (ênfases minhas):

Junto aos Cimérios, num cavado monte  
Jaz uma gruta, de âmbito espaçoso,  
Interna habitação do *Sono* ignavo.

[...]

De baixa, e rota pedra sai, contudo,  
De água do *Letes* pequenino arroio,  
Que, por entre os mexidos, leves seixos  
Com murmúrio suave escorregando,  
Convida molemente ao mole *sono* (Ovídio, 2016, p. 263, 265).

Segundo explicação de Rafael Falcón em nota de rodapé (Ovídio, 2016, p. 262):

[O] murmúrio tranqüilo das águas do rio Letes, [...] por meio de seu ruído, paradoxalmente, parece convidar ao sono. Não por acaso, *λήθη*, *léthe*, significa “esquecimento”, e é fama que os mortos bebesses do rio Letes para esquecer suas vidas pregressas. Alegoricamente, pois, o sussurro do Esquecimento corre pela gruta do Sono, já que quem esquece, dorme, e vice-versa.

Em outras palavras, na mitologia greco-romana o rio do Esquecimento circundava a gruta do Sono, o que demonstra como essas civilizações enxergavam as duas imagens de forma indissociável. A proximidade das metáforas do esquecimento e do sono empregadas respectivamente por Dickens e João do Rio apontam para uma convergência das perspectivas dos dois autores em relação à substância cujos usuários eles estão contemplando.

Existe, enfim, uma última distinção importante a ser apontada. No início do último parágrafo de “Gin-shops” (cujo final foi citado anteriormente) há:

Nós esboçamos esse assunto muito levemente, não apenas porque nossos limites nos compelem a fazê-lo, mas porque, se fosse investigado mais profundamente, tornar-se-ia doloroso e repulsivo. Senhores de bons modos e damas caridosas, igualmente, dariam de costas com frieza e repugnância para uma descrição dos homens perdidamente bêbados e das mulheres lamentáveis, miseráveis e arruinadas que fazem parte não insignificante dos frequentadores

desses ambientes; esquecendo, na consciência agradável de sua própria alta retitude, a pobreza de uns e a fraqueza de outros (Dickens, 1905, p. 172-173).<sup>54</sup>

A postura de deferência do narrador de Charles Dickens é completamente ausente nas descrições decadentes de João do Rio em “Visões d’Ópio”. Não existe em absoluto qualquer preocupação do carioca em não constranger seus leitores e leitoras. Pode-se argumentar que, na verdade, seu fito era justamente o de *escandalizar* por meio de suas descrições dos opiômanos, de seus crescentes estágios de nudez, de sua percepção animalesca sobre eles e dos efeitos de náusea e delírio da intoxicação. Se entendermos que João do Rio leu “Gin-shops”, é como se ele houvesse se deparado com esse parágrafo final – em que Dickens efetivamente se “desculpa” pelo conteúdo do texto – e chegasse à conclusão de que deveria fazer o oposto: evocar os sentimentos de dor e repulsa em seus leitores.

---

<sup>54</sup> Original: “We have sketched this subject very slightly, not only because our limits compel us to do so, but because, if it were pursued further, it would be painful and repulsive. Well-disposed gentlemen, and charitable ladies, would alike turn with coldness and disgust from a description of the drunken besotted men, and wretched broken-down miserable women, who form no inconsiderable portion of the frequenters of these haunts; forgetting, in the pleasant consciousness of their own high rectitude, the poverty of the one, and the temptation of the other.”



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos literários, o campo para pesquisas acerca de crônicas mantém-se altamente fértil para novas empreitadas. Tanto na literatura brasileira quanto nas literaturas anglófonas, a crônica tem atraído pouco interesse historicamente se comparada a outros gêneros literários. Tal lacuna resulta em uma relativa escassez de estudos sobre crônicas de autores importantes da literatura nacional, como Machado de Assis, Lima Barreto, Rubem Braga, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade. A situação é ainda mais gravosa nas literaturas anglófonas, onde o gênero *sketches* restou relegado ao passado.

Embora haja produção considerável de pesquisas acerca da cronística de João do Rio, ainda permanece espaço amplo para investigações comparativas com outros autores – como Charles Dickens. Outra possibilidade de relevância seria o emprego de ferramentas de análise de outras áreas do conhecimento em diálogo com os estudos literários, considerando as dimensões históricas e sociais dos textos do autor. O mesmo é verdade para Dickens, cujo corpo de crônicas tem sido pouquíssimo estudado no Brasil, com algumas poucas exceções nos anos recentes.

No presente trabalho, foi apontada a relação de Charles Dickens e João do Rio e desenvolvida a hipótese que o carioca teria lido o londrino, a partir de uma indicação direta na conferência “A rua” que abre *A Alma Encantadora das Ruas*. Além disso, foi levada em consideração a instigante presença de um exemplar de *Sketches by Boz*, coletânea de Dickens, na Biblioteca João do Rio, assinada como um presente (a outro escritor) e constando data anterior à apresentação da referida conferência. Era essencial, entretanto, um cotejo dos textos literários dos autores para sustentar essa hipótese.

Ao longo do trabalho, foram discutidos aproximações e distanciamentos entre Dickens e João do Rio em suas dimensões biográficas e sócio-históricas. Alguns elementos chamam a atenção, como a criação em famílias de classe média (baixa) e a relativamente escassa instrução formal de ambos – que fora usada para atacar a qualidade de seus textos por adversários. Por suposto, o ambiente em que se encontravam também facilitava o interesse pelo trabalho jornalístico e pela escrita de crônicas: uma grande metrópole, capital de seu país, em rápida expansão urbana e populacional devido à industrialização, às imigrações, à abolição da escravidão etc. Nesse sentido, obras biográficas servem de apoio para contextualizar a posição dos autores frente a determinados assuntos, como aponta Smith (2001, p. 5) ao escrever “Ter testemunhado a perda material estimulou a preocupação de Dickens pelos pobres por toda a sua

vida de escritor”<sup>55</sup>. Entre elas, destacam-se *João do Rio: vida, paixão e obra* de Rodrigues (2010) e *Dickens* de Ackroyd (1990).

Uma comparação entre as principais coletâneas de crônicas dos dois autores (a única de Dickens) apontou características convergentes importantes, como a divisão estrutural em seções, porém evidenciando ao mesmo tempo marcas próprias de ambos. Dickens optou por dividir seus textos com um critério mais formal, separando ao final 12 contos das demais 44 crônicas e separando essas últimas de acordo com o enfoque do texto, se em situações mais gerais ou se em personagens específicos. Para João do Rio, contudo, foi privilegiada uma divisão temática, iniciando com 13 crônicas de tópicos gerais, seguida de seis tratando da miséria e mais seis textos relatando sua visita à penitenciária.

Ao mesmo tempo, tentar compreender as divisões realizadas pelos dois autores já indica outras aproximações, como os temas e tópicos abordados. Se em João do Rio a miséria é digna de uma seção à parte, em Dickens o tema se faz presente em diversas crônicas, como ocorrerá também nos romances posteriores. Até mesmo situações que parecem mais específicas rendem textos com tópicos similares, como as crônicas penitenciárias; por um lado, “A Visit to Newgate” do londrino, por outro toda uma seção acerca das visitas do carioca à Casa de Detenção. Fica evidenciado, ademais, o interesse dos dois escritores pelo caráter de ambivalências e contradições de suas cidades, Londres e Rio de Janeiro; com suas alegrias, suas festas, mas também com suas faces menos belas, como a miséria, as adições, as prisões nos corações das urbes etc.

O cotejo de “Gin-shops” e “Visões d’Ópio”, duas crônicas em que o narrador reconta uma visita a um lugar voltado para o uso de substâncias psicoativas de forma recreativa, possibilitou observar microscopicamente convergências desde o tema trabalhado até as escolhas lexicais. As aproximações, como a própria estrutura do relato envolvendo um deslocamento espacial – com alta precisão cartográfica com os nomes exatos das ruas – e até mesmo o confronto de passagens bastante similares, fortalece a hipótese inicial da pesquisa. Por outro lado, as divergências não indicam necessariamente o oposto, mas demonstram a originalidade de João do Rio – que, como seu biógrafo Rodrigues (2010) aponta em outros momentos, foi inspirado por diversos autores pretéritos.

Outrossim, resta um convidativo caminho para futuras investigações sobre os diálogos entre os dois escritores. Outras crônicas com temáticas similares foram apontadas na Introdução desse trabalho (ver p. 19), sendo de especial interesse um cotejo entre as crônicas penitenciárias.

---

<sup>55</sup> Ver p. 25 do presente trabalho.

Ressalte-se que as experiências se aproximam pelo fato de ocorrerem na cidade do próprio autor (como em “Gin-shops” e “Visões d’Ópio”) e em penitenciárias que se localizavam no centro dessas metrópoles (características ausentes na experiência de Oscar Wilde). Ademais, as observações espaciais e sociais dos escritores apresentam um quadro particularmente incitante para o emprego de teorias de diferentes áreas do conhecimento em conjunto com a análise literária – como a História Social, o Urbanismo e as Ciências Sociais. A exemplo, é possível inquirir comparativamente sobre a representação das cidades de Londres e do Rio de Janeiro no *corpora* dos dois por meio desse aporte.

Não resta dúvida que João do Rio foi um grande cronista e Charles Dickens um venerado romancista; ambos, escritores de muita relevância para a literatura de seus países. O avanço de estudos comparatistas que se debruçam sobre possíveis diálogos entre os dois, bem como entre esses e outros autores de interesse – como os cronistas franceses –, utilizando teorias diversas, decerto proporcionará um entendimento mais aprofundado dos dois autores. Dessa forma, será possível apreciar cada vez mais as suas respectivas contribuições para a literatura mundial.

## REFERÊNCIAS

- ACKROYD, Peter. *Dickens*. New York: HarperCollins, 1990.
- CRUIKSHANK, George. *The Gin-Shop*. The Victorian Web, atual. 2017. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/cruikshank/boz19.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia di Dante*. The Project Gutenberg, atual. 2015. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/1012/pg1012-images.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- BOZ. Gin Shops. *The Evening Chronicle*, London, n. 4, 7 Feb. 1835. Disponível em: <https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/BL/0001315/18350207/016/0002>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- CAMDEN-HOTTEN, John. *The Slang Dictionary*. Frankfurt am Main: Outlook Verlag, 2020.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMPO, 1992. p. 13-22.
- CORDERY, Gareth. Public Houses: Spatial Instabilities in Sketches by Boz and Oliver Twist (Part One). *Dickens Quarterly*, v. 20, n. 1, p. 3-13, mar. 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45291895>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- DICKENS, Charles. *Sketches by Boz*. Nova York: Macmillan and Company, 1905.
- DIEZ, Friedrich; DONKIN, T. C. *An Etymological Dictionary of the Romance Languages; Chiefly from the German of Friedrich Diez*. London: Williams and Norgate, 1864.
- DOMMAN, Mary-Ann. *2021 Census First Data Release*. 19 Jul. 2022. Disponível em: <https://www.londoncouncils.gov.uk/members-area/member-briefings/local-government-finance/2021-census-first-data-release>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000059.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- ESBOÇO. In: *Michaelis On-Line*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/8X2p/esbo%C3%A7o/>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- ESQUETE. In: *Michaelis On-Line*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esquete/>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- HOLLAND, Merlin; HART-DAVIS, Rupert. *The Complete Letters of Oscar Wilde*. London: Fourth Estate, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Rio de Janeiro (RJ)*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.

KETAGBIAN, Tamara. “Melancholy Mad Elephants”: Affect and the Animal Machine in Hard Times. *Victoria Studies*, v. 45, n. 4, p. 649-676, summer 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3829531>. Acesso em: 17 dez. 2023.

LAUSTER, Martina. Introduction Nineteenth-Century Sketches and the Problem of Walter Benjamin’s Legacy. In: LAUSTER, Martina. *Sketches of the Nineteenth Century: European Journalism and its Physiologies, 1830–50*. London: Palgrave Macmillan, 2007. p. 1-22.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMPO, 1992. p. 93-133.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução: Manuel Bocage. Comentários por Rafael Falcón. Porto Alegre: Concreta, 2016.

PARDON, George Frederick. *Routledge’s Guide to London and Its Suburbs: Comprising Descriptions of All Its Points of Interest*. London: George Routledge and Sons, [ca. 1875].

PATTEN, Robert L. From Sketches to Nickleby. In: JORDAN, John O. (ed.). *The Cambridge Companion to Charles Dickens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 16-33.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. *Real Gabinete Português de Leitura*. Disponível em: <http://rgplpac.bibliopolis.info>. Acesso em: 17 dez. 2023.

RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIO, João do. Visões de ópio. Os chins do Rio. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 7, 7 jan. 1905. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730\\_1905\\_00007.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1905_00007.pdf). Acesso em: 17 dez. 2023.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RODRIGUES, Solange do Carmo Vidal. *Sketches by Boz de Charles Dickens: Uma Análise Descritiva*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103459/317438.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SANT’ANA, Livia Rocha de. *Do ópio ao crack: as crônicas sobre drogas nos jornais cariocas do início do século XX e o discurso contemporâneo do jornal O Globo sobre o crack*. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4031/1/LSant%27Ana.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SMITH, Grahame. The life and time of Charles Dickens. In: JORDAN, John O. (ed.). *The Cambridge Companion to Charles Dickens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 1-15.

STEWART, Garrett. Dickens and language. In: JORDAN, John O. (ed.). *The Cambridge Companion to Charles Dickens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 136-151.

VERONA, Ana Livia. *Cinco crônicas de Charles Dickens em Sketches by Boz: um retrato do cotidiano londrino, no século XIX, através do humor*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18640/3/CincoCronicasCharles.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

VERONA, Ana Livia. *As Crônicas em Sketches by Boz, de Charles Dickens: Um gênero híbrido que retrata o cotidiano através do humor*. Revista do SELL, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/download/1359/1435>. Acesso em: 17 dez. 2023.

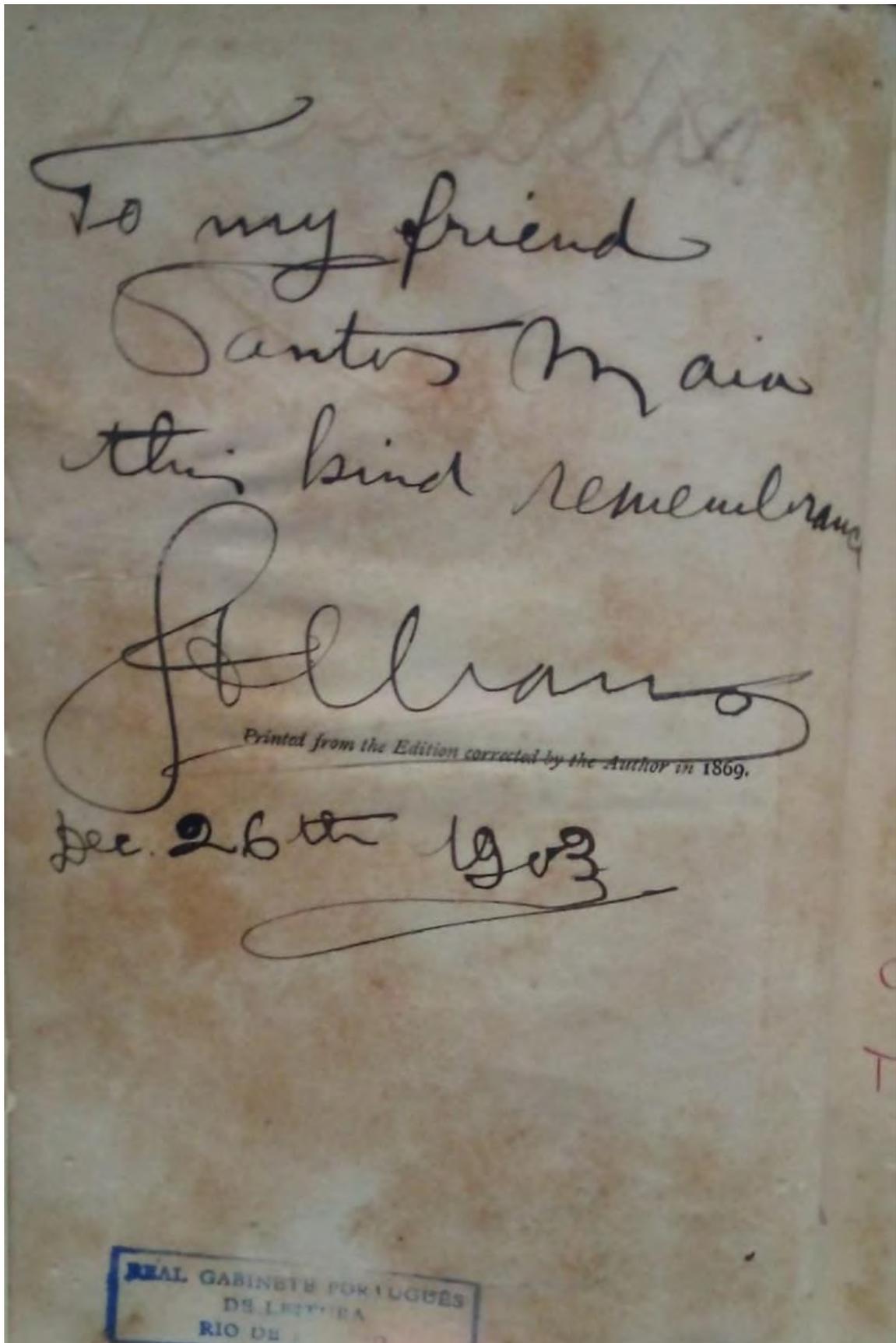
ANEXO A – Dedicatória na cópia de *Sketches by Boz* na Biblioteca João do Rio

Foto da dedicatória do acervo pessoal do autor.



ANEXO C - Página 2 da Gazeta de Notícias de 07/01/1905

**GAZETA DE NOTÍCIAS - Sábado 7 de Janeiro de 1905**

### VIOSOS DE OPIO

#### OS CHINS DO RIO

Os viciados em opio são numerosos no Rio de Janeiro, e a maioria dos viciados são chins. Estes viciados são encontrados em todos os pontos da cidade, e a maioria deles são encontrados nos bairros de Santa Theresa, Santa Clara e Santa Rita. A maioria dos viciados em opio são encontrados nos bairros de Santa Theresa, Santa Clara e Santa Rita. A maioria dos viciados em opio são encontrados nos bairros de Santa Theresa, Santa Clara e Santa Rita.

### ESPAÑA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### BRASIL

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### URUGUAY

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### INTERIOR

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### RUSSIA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### ALEMANIA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### INGLATERRA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### FRANCA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### ITALIA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### VIDA DE RIO

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### OS LAHORES

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### VIDA RELIGIOSA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### OCURRENCIAS

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

### TELEGRAMAS A GUERRA

#### REUNION DE LOS ESTADOS

Reunión de los Estados Unidos en el Congreso. El Congreso se reunió en la ciudad de Washington el día 5 de Enero. El presidente Wilson preside la sesión. El primer discurso lo hizo el senador de Nueva York, Mr. Tamm. El discurso fue muy interesante y se refirió a la situación actual de los Estados Unidos.

ANEXO D – Ilustração *The Gin-Shop* (Cruikshank, 1839)



George Cruikshank